

Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira
Proprietária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lépi

NÚMERO AVULSO 2\$00
ASSINATURA ANUAL 20\$00

Ano VI — Número 63

Março de 1968

Semana de Oração da Juventude

Mais uma vez a Igreja Adventista dedica uma semana especial aos jovens. Em Angola, as datas estabelecidas foram — para as Igrejas Europeias, de 16 a 23 de Março, aproveitando as férias da Páscoa, em que os jovens estão mais livres para assistir às reuniões; para as Missões, de 6 a 13 de Abril, atendendo ao facto de que depois das férias será mais fácil reunir os jovens visto se encontrarem de novo nas escolas.

Entre os principais objectivos desta Semana de Oração podemos enumerar os seguintes: levar os jovens da Igreja a uma mais profunda e significativa comunhão com Cristo; reconduzir os desanimados a Cristo e ao serviço da Igreja; ganhar para Cristo os que ainda se não converteram; obter a cooperação de todos os jovens na realização dos planos evangelísticos dos M.V.; encorajar toda a Igreja, despertando nela o interesse pela salvação dos jovens e pela sua preparação para o serviço de Deus.

Para que esta Semana de Oração constitua um êxito, são apresentadas as seguintes sugestões:

1. Fazei que este seja um programa de jovens para jovens. Os jovens devem participar de todas as maneiras possíveis.

2. Trabalhai com o vosso Conselho e o vosso pastor; orai e planeai com antecedência, de maneira que todos os pormenores possam ser tratados convenientemente.

3. Compilai uma lista de nomes de jovens que desanimaram ou perderam o seu caminho. Esses nomes devem ocupar o primeiro lugar no esforço por atingir a juventude durante esta semana.

4. Fazei provisão para que Equipas de Amizade visitem os jovens bem como outras pessoas que possam assistir às reuniões. O poder da amizade e do interesse em relação com este programa não devia ser menosprezado.

5. Usai os excelentes sermões da Semana de Oração dos M.V., que foram preparados tomando como base os **Degraus da Vida Cristã** por Ellen G. White.

6. Tende discussões em grupo. Sugerimos que reserveis um período no fim de cada reunião durante o qual os interessados possam juntar-se numa breve discussão acerca do tópico apresentado. Este plano está sendo cada vez mais usado.

7. Organizai grupos de oração e trabalhai para obter decisões. In-

O Amor de Deus pelo Homem

por Louis B. Reynolds

Um habitante de Boston colocou um cavatento no telhado da sua casa e nele pintou em grandes letras: «Deus é Amor». Um dos seus vizinhos viu-o e disse: «Amigo, pôs uma verdade eterna numa coisa muito mutável».

«Pode ser», respondeu o homem, «mas a verdade é que *Deus é amor* não importa de que lado sopra o vento».

Quando Deus revelou a Sua onnipotência a Abraão, disse: «Eu sou o Deus Todo-Poderoso». Gen. 17:1. A Jeremias Ele declarou a Sua onnipresença: «Sou Eu apenas Deus de perto... e não também Deus de longe? Esconder-se-ia alguém em esconderijos de

troduzi todos os jovens nesses grupos de oração; orai pelas reuniões e particularmente por decisões dos jovens que assistem.

8. Certificai-vos de que todos quantos participem nas reuniões estejam bem preparados. Os que apresentam as mensagens necessitam de ter tempo para se prepararem e nunca se limitarem a ler o texto.

9. As reuniões da Semana de Oração deviam ser bem anunciadas de várias maneiras — pela imprensa, do púlpito, pelo telefone, por postais, de viva voz, etc. Planeai boas reuniões e falai acerca delas aos outros; esta é uma boa fórmula para o êxito.

10. Dai todas as facilidades para as pessoas assistirem — fornecei transporte, começai a tempo e terminai a tempo.

11. Planeai um forte programa de continuação do trabalho, incluindo a organização de uma classe baptismal, no fim da semana. Prestai assistência àqueles cujos nomes foram obtidos durante as reuniões de decisão. Esta fase do programa necessita de ser planeada com tempo a fim de se obter o máximo de resultados.

12. Sobretudo, orai para que o Espírito

Continua na página seguinte

modo que Eu não o veja? Porventura, não encho Eu os Céus e a Terra?» Jer. 23:23,24. Paulo reconhece a Sua omnisciência nestes termos: «Todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos d'Aquele com quem temos de tratar». Heb. 4:13. Tiago confessa a Sua imutabilidade quando O chama «Pai das luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação». Tiago 1:17. Mas é deixado a João o apresentar a maior concepção do eterno Pai — «Deus amou de tal maneira»; e transcendendo todas as línguas e concepções — «Deus é amor». I João 4:8.

A palavra *amor* é um termo característico do Novo Testamento, usado cerca de 140 vezes pelos seus escritores. Na Versão Autorizada esta palavra é usada 114 vezes, e *caridade* é usada 26 vezes. A língua grega tem quatro palavras para significar «amor», mas Agape era o exaltado termo. Nele se expressa o mais profundo sentido da verdade de Deus. Denota um amor praticamente desconhecido fora da Bíblia, amor que possui um carácter muito seu; e para expressar esse amor, torna-se difícil encontrar na linguagem comum os termos adequados. O seu sentido mais completo, tal como é dado no Novo Testamento, acha-se em termos de acção divina — o amor de Deus. Suas qualidades distintivas são que ele escolhe o seu objecto com decisão de vontade e é benevolente ou, noutros termos, deseja bem ao seu objecto e tem as mais elevadas intenções em relação ao bem estar daquele que constitui o seu objecto. Esta é a palavra que o Novo Testamento emprega para exprimir o amor de Deus para com os homens.

É só por meio do amor que aprendemos a conhecer a Deus. A Grécia e Roma clássicas são chamadas por aqueles que melhor as conhecem «um mundo sem amor». Mas o amor é um sinónimo de Deus, e o Seu próprio ser é expressão de amor infinito. João declara: «Qualquer que ama é nascido de Deus e conhece a Deus», e «aquele que não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor». 1 João 4:7, 8.

Alguns não amam a Deus porque não O conhecem. Ele é para eles o que era para os atenienses: «O Deus desconhecido». Act. 17:23. E para eles continuará desconhecido enquanto continuarem mortos em ofensas e pecados. Não amar a Deus é uma indicação de morte espiritual. «Quem não ama», disse João, «permanece na morte». 1 João 3:14.

O objecto do amor de Deus é o mundo. O termo por vezes denota todo o universo, por vezes apenas o planeta em que vivemos, por vezes as pessoas que nele habitam. Como não amamos tanto o caixilho como o quadro, também Deus não ama tanto as coisas do mundo como os homens e mulheres para morrer por quem enviou o Seu Filho.

Este mundo está amaldiçoado pelo pecado, e por isso na sua presente condição está destinado à destruição. Devido à sua condenação, o Apóstolo Paulo pode escrever com verdade que «a aparência deste mundo passa». No seio da Terra há lava incandescente. Segundo os astrónomos, treze estrelas fixas desapareceram nos passados três séculos. Os químicos insistem em que na composição da água há um elemento inflamável. Sir Charles Lyell, falando de elementos combustíveis em nosso globo, diz: «A maravilha é que a Terra não seja dissolvida, mas exista por um momento». No divino Livro de Deus aparece esta predição acerca do futuro do nosso planeta: «Os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão, e a terra, e as obras que nela há, se queimarão». 2 Ped. 3:10.

rito Santo dirija todas as actividades; orai para que o poder de Deus seja sentido na vida de todos os jovens que tomam parte; orai para que Ele atinja os corações dos que assistem.

Que as múltiplas necessidades da geração actual nos inspirem como dirigentes da juventude a levar avante o mais forte programa jamais empreendido para o Senhor. Esta é a hora da juventude. Esta é a hora para a acção. Que ela nos encontre na vanguarda abrindo o caminho para a mais compensadora Semana de M. V. jamais experimentada.

DEPARTAMENTO DOS M.V.

Amou Deus o mundo e as pessoas por Ele criados? Que outra coisa podia Ele ter feito quando pronunciou que tudo quanto criara é «muito bom»? O amor de Deus pelo homem transviado foi tão grande que enviou o Seu Filho ao mundo, «não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por Ele». João 3:17. Segundo a carta de Paulo a Timóteo: «Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores». 1 Tim. 1:15.

Este amor refulge com brilho invulgar ao considerarmos que este é um mundo pecador. Desde a queda trágica de Adão e Eva no Eden, o pecado tem-se desenvolvido, até que, nas palavras do apóstolo, toda a terra «geme e está juntamente com dores de parto». O pecado fez brotar lágrimas de milhões de olhos, quebrantou milhões de corações, desfez milhões de esperanças, cavou milhões de sepulturas e arruinou as vidas de milhões de homens e mulheres. Não há crime que o mundo não tenha praticado, nem vício com que não tenha condescendido, nem risco que não tenha corrido nem maneira em que não tenha desobedecido a Deus, e apesar disso Deus ama «com amor eterno» aqueles por quem morreu e a quem ofereceu o precioso dom da vida eterna.

Este amor é notável porquanto é manifestado a um mundo traiçoeiro e mau. O amor de Deus atinge homens e mulheres com o fim de os salvar do sofrimento e da morte. Quando os filhos de Deus buscam o prazer do mundo põem em perigo as suas almas. Não há gema que os homens cobitem que lhes não traga sofrimento como sucedeu com Acã. Não há honra que os homens busquem que não esmague o receptor como sucedeu com Hamã. Não há devoto no templo da fama e da glória para quem estas se não manifestem traiçoeiras como sucedeu com Absalão. Acautelai-vos com as bebidas cintilantes; elas são venenosas. Acautelai-vos com o beijo da fama, porque enquanto beija apunhala, como Joab apunhalou Amasa. Acautelai-vos com as promessas de liberdade, porque elas levarão ao cativeiro e à morte. Mas há novas de esperança: Deus amou de tal maneira o mundo, que proporcionou um meio de salvar a todos os que O busquem.

Este amor é ainda mais maravilhoso quando consideramos que é concedido a um planeta rebelde. Contra Deus e a Sua autoridade, há muitos que imitam Absalão. Não contentes em pagar o amor com ódio,

levantam armas contra Deus. Nos dias de David, muitos «se rebelaram contra as palavras de Deus, e desprezaram o conselho do Altíssimo». Sal. 107:11. Isaías escreveu acerca daqueles que «foram rebeldes, e contristaram o Seu Espírito Santo». Isa. 63:10. Nos dias de Jesus houve quem dissesse: «Não queremos que Este reine sobre nós». Luc. 19:14. Nem falta em nossos dias quem se rebele contra a Sua autoridade, as Suas leis, os Seus ensinamentos, e se deleite em Lhe negar o direito de governar sobre as Suas vidas. Os homens agora proclamam que Deus está morto!

Um facto significativo acerca do amor de Deus é que é um amor de benevolência. Arthur T. Pierson fala de amor complacente e de amor benevolente e explica a diferença. O primeiro «detém-se nos traços amáveis dos outros», e o último «ama profundamente quando não há mérito». Em Deus o amor pertence à segunda categoria; com efeito, que traços amáveis há na natureza do homem que nasceu em pecado, que peca enquanto vive, e que é corrupto até à morte? Mas em virtude de não haver «um justo, nem um sequer», misericordiosa e compassivamente Deus amou o homem com benevolência — como um pai ama seu filho transviado — para o ajudar, exaltar e reintegrar na família.

Durante a Guerra Revolucionária um homem chamado Miller foi gravemente insultado por um homem chamado Widman. Algum tempo mais tarde, quando Widman foi sentenciado a ser enforcado como espião inglês, Miller foi ao general Jorge Washington e pediu que fosse poupada a vida de Widman. O comandante em chefe respondeu: «Eu gostaria de soltar Widman por ser seu amigo, mas não ousa fazê-lo, mesmo tendo em vista esse facto».

«Amigo!» exclamou Miller. «Nada disso, ele é o meu pior inimigo, e é por isso mesmo que desejo salvá-lo».

«Inimigo!» disse Washington. «E você veio até mim pedir por esse seu inimigo? Então perdoe-lhe».

Este foi amor benevolente por parte de Miller e Washington. Quanto maior é o amor de Deus para com o mundo! Widman insultou Miller uma vez. O mundo insulta Deus continuamente. Widman cuspiu no rosto de Miller; o mundo trata Deus com o pior desprezo. Widman foi sentenciado à morte; a justiça requeria a plena pena de morte para o mundo. Mas o amor interce-

deu por Widman, e o amor de Deus pelo mundo ofereceu misericórdia.

É lógico supor que visto o mundo ser objecto do amor de Deus, Deus devia ser o centro da afeição do Mundo. Não podemos sondar a razão pela qual Ele amou um tal mundo, mas vemos grandes e fortes razões para que o mundo O amasse. Embora Deus diga: «Minha é a prata e meu é o ouro, e os animais sobre milhares de montanhas», a Sua própria natureza anseia pelo amor daqueles a quem criou.

Amar a Deus é o maior serviço, a mais agradável ocupação, o mais alto privilégio, em que o homem pode empenhar-se; e o motivo por que o mundo inteiro não O ama é porque ainda não descobriu que «Deus é Amor».

Quando se encontrava no apogeu do seu poder, Napoleão Bonaparte estabeleceu numa pequena povoação de França um orfanato para meninas. Ao regressar do seu exílio em Elba, fez-lhe em visita. As meninas apinharam-se em volta dele antes de partir e deram-lhe as mais tocantes expressões do seu amor e admiração, reclamando o privilégio de um último contacto e de uma última palavra antes da sua partida. Depois disso veio o Waterloo e o seu exílio para a estéril ilha de Santa Helena. O seu poder chegara ao fim. Sua velha guarda abandonara-o, seu império desmoronara-se e com ele a sua glória e os seus planos. Seu mundo desfizera-se numa só noite. Uma coisa, porém, sobrevivia que lhe dava real prazer e provocava exclamações de real alegria. Era a lembrança das palavras amáveis, das lágrimas e beijos daquelas pequeninas órfãs.

Se amais a Deus encontrareis n'Ele um Amigo «mais chegado que um irmão». Esse amor é a única base para um carácter nobre, o único verdadeiro princípio para uma vida pura, o único laço que não pode ser quebrado pela morte, o único investimento que trará um juro eterno.

Tomás de Kempis, na sua *Imitação de Cristo*, diz que o amor torna leve tudo quanto é pesado, não pensa em nada que perturbe, tenta o que está acima das suas forças, não se queixa de impossibilidade. Quando cansado, não se sente exausto; quando alarmado, não se deixa confundir; mas é activo, amável, corajoso, nunca buscando o próprio interesse.

Quando a viúva pobre contou as suas dificuldades a Eliseu, o profeta não disse: «te-

nho pena de si; espero que passe muito bem», mas deu-lhe auxílio real. Várias vezes lemos que Jesus foi movido de profunda compaixão. (Mat. 9:36; 14:14; Marc. 6:34). Mas foi uma compaixão prática que limpou o leproso, ministrou aos doentes e alimentou os famintos. As estas evidências Paulo chama trabalho de amor. (1 Tess. 1:3). Mas tudo o que dá conforto, estende privilégios e se manifesta como uma bênção é simplesmente dom de amor de Deus. Tudo antes e desde a incomparável apresentação do seu Filho se centraliza nesse próprio dom. Ele deu antes da fundação do Mundo e ainda dá. Toda a história do mundo do homem é uma história de dons. Deus deu a Sua sabedoria ao planejar este mundo, a Sua Palavra de poder ao trazê-lo à existência, a Sua beleza ao adorná-lo, o seu cuidado ao torná-lo fragrante.

A terra necessita de chuva? Deus «dá a chuva sobre a terra, e envia águas sobre os campos». Job. 5:10. Necessita de estações? «Eu vos darei as vossas chuvas a seu tempo, e a terra dará a sua novidade, e a árvore do campo dará o seu fruto, e a debulha se vos chegará à vindima e a vindima se chegará à sementeira». Lev. 26:4,5. Seus habitantes necessitam de vida? Isaías declara: Ele «dá a respiração ao povo que nela está, e o espírito aos que andam nela». Isa. 42:5. Necessitam de força? David canta: «O Deus de Israel é o que dá fortaleza e poder ao seu povo». Sal. 68:35. Necessitam de abundância de sabedoria e conhecimento? Salomão afirma que «ao homem que é bom diante d'Ele, dá Deus sabedoria e conheci-

mento e alegria». Ecles. 2:26. Necessitam de vida eterna? Paulo declara: «O dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus Nosso Senhor». (Rom. 6:23).

Porque Deus é amor, Ele deu; e porque ainda ama, Ele dá. A aritmética do amor é uma aritmética de adição. Vive para dar. Deus deu Jesus; Jesus deu-Se a Si mesmo. Como uma bela flor inseparável na disposição das suas pétalas, também a Divindade é inseparável em amor. O amor é o grande princípio que levou Deus a dar o Seu Filho, e o amor foi o motivo que trouxe esse Filho a este mundo. «Nisto está o amor, não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que Ele nos amou a nós, e enviou Seu Filho para propiciação pelos nossos pecados». 1 João 4:10.

Que faremos com este dom de amor? Quer o aceitemos quer o rejeitemos, o amor de Deus está sobre nós. Podemos aconselhar-nos como aquela esposa aconselhou o seu marido: «Não entres na questão desse justo». Mat. 27:19. Ou, como Paulo, podemos submeter-nos ao amor de Cristo que nos constrange. Rejeitá-lo é convidar a ira de Deus no grande dia em que Ele se levantará para «abalar terrivelmente a terra». Aceitá-lo é herdar a mais sublime felicidade que o Céu pode conceder, ser emancipado de um longo cativeiro, e ter uma vida que transcende as condições ou ocasiões de dissolução. Que faremos? «Tenho-te proposto», diz o Senhor, «a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe, pois, a vida, para que vivas, tu e a tua semente». Deut. 30:19.

DOMINGO

Confissão

por William Loveless

Em muitas lojas de bibelôs podeis ver uma estátua de três pequenos macacos que se supõe representarem uma verdade muito importante. Um tapa os olhos, outro as orelhas e outro a boca. Representam «não ver nenhum mal, não ouvir nenhum mal, e não falar nenhum mal». Seria de desejar que aplicássemos isto às nossas relações com os outros. Infelizmente, porém, com demasia-

da frequência a aplicação que fazemos é em relação a nós mesmos, e essa aplicação e atitude impede que vejamos o estado real da nossa vida interior.

Por que olhar para o nosso próprio mundo interior? É realmente muito mais confortável, e portanto muito mais seguro, esconder-nos atrás das nossas muitas máscaras.

Por exemplo, um sorriso pronto e uma conversa amigável, de natureza superficial, pode realmente impedir-nos de entrar numa relação de confiança com outra pessoa. Há muitos indivíduos que passam as suas vidas esvoaçando de uma relação superficial para outra de igual natureza.

Ao trabalhar com jovens, por vezes um estudante bate à porta do meu escritório e pergunta com um longo sorriso: «Está muito ocupado?» Eu respondo-lhe: «Não, entre e sente-se». Ainda sorrindo, ele entra e geralmente peço-lhe para fechar a porta. Por vezes, porém, logo que a porta se fecha termina o seu sorriso; e não é raro que mesmo antes de ele se sentar, o sorriso é trocado por amargo choro.

Quão cedo as crianças aprendem a usar máscaras para ocultarem aos seus companheiros os seus sentimentos. Há algum tempo atrás, numa escola primária, o pai de um estudante foi morto num acidente de trator na propriedade. Algumas semanas depois do triste funeral, os colegas perguntaram ao pequeno: «Tudo vai bem?»

Ele respondeu: «Bem, muito bem». O seu colega respondeu: «Sabes, tenho orado por ti desde que o teu pai morreu».

O pequeno puxou pelo casaco do seu colega, levou-o para o pátio da escola, e voltando-se para ele disse: «Eu mentia quando disse que tudo ia bem. Na realidade, não vai. Temos tido dificuldade com as vacas, e a minha mãe não sabe nada acerca da maquinaria da propriedade. Ela não sabe que fazer». Naquele incidente os dois jovens demonstraram o uso da máscara ao lidar com algumas das maiores questões da vida. Quão trágico é que devamos ocultar-nos de conhecer e ser conhecidos, e aprender a fazê-lo tão cedo na vida.

A máscara trás consigo separação. Temos uma vida de igreja, uma vida diária, uma vida de realidade em casa, e uma fachada em público. Este conflito revelou-se na pergunta de um filho de pastor: «Papá, quando está em casa porque é que não pode ser como é quando está com as outras pessoas?»

A máscara traz consigo separação. Temos Quando Deus olhou para Adão e Eva depois de terem desobedecido ao Seu mandamento, achou-os fazendo aventais de folhas de figueira — a primeira máscara para cobrir a experiência humana.

Também temos os nossos aventais de folhas de figueira, nossas patéticas tentati-

vas para cobrir e ocultar de Deus o que sabemos que somos. A tendência natural da natureza humana para ocultar os motivos e o pecado torna a confissão uma experiência impopular e evitada.

Uma confissão honesta é difícil de fazer. Nela admitimos os nossos erros e pecado e pedimos perdão. Um sincero desejo, e muitas vezes uma resolução de fazer melhor acompanha uma genuína confissão. Tudo isto é difícil mas necessário. Porquê? Porque devemos confessar os nossos pecados a Deus? Ele já os conhece. Que porção de nova luz ou de informação secreta podemos dar a um Deus que um dia trará a juízo todas as nossas palavras e acção e pensamentos?

Porque devemos confessar-nos a outro ser humano? Ele pode ficar a pensar mal de nós, especialmente se nada sabia acerca do nosso pecado. Isto só causará dificuldades e suscitará suspeita e tentação entre nós.

A alternativa entre encobrir os nossos pecados e confessá-los é-nos proposta muito claramente em Provérbios 28:13: «O que encobre as suas transgressões nunca prosperará; mas o que as confessa e deixa alcançará misericórdia».

Alguns insistem em que a ideia de confissão é mórbida e um sinal de espírito doente. Até certo ponto isto pode ser verdade se alguém está sempre a recordar o passado que há muito devia estar esquecido, abandonado e perdoado. Há espécies de confissões que são feitas repetidas vezes e se tornam neuróticas à medida que o tempo passa. A espécie de confissão em que a pessoa continuamente bate em si própria, confessando o facto de que é um simples verme na presença de Deus, não é a espécie de salutar e vivificadora confissão que Deus convida o seu povo a fazer. Pelo contrário, a confissão de que fala a Bíblia é uma força vitalizadora, trazendo saúde emocional e espiritual à vida do cristão.

Porque devo confessar-me?

Deus conhece os nossos pecados, e por isso para que confessar-Lhe os nossos pecados? Necessita Ele de mais informação que Lhe possamos dar? Não. As nossas confissões não informam Deus; elas têm influência sobre nós. Mantêm-nos em presença da nossa necessidade de crescimento.

A confissão honesta abrandava tanto o nosso coração como o coração da pessoa ofendida. Ajuda-nos, pois, a ver onde somos fracos e necessitamos do amor de Deus. Esta é uma das mais importantes lições que podemos aprender.

A confissão foi designada por Deus para abrandar os nossos corações. O pecado endurece e sobrecarrega o coração. A confissão verdadeira e sincera é o meio indicado por Deus para manter as nossas mentes abertas à Sua verdade e ajudar-nos nas relações com os nossos colegas, maridos, esposas e amigos.

Há uma ligação mais estreita do que por vezes pensamos entre a confissão dos pecados e o seu abandono. Como podemos esperar vencer no futuro se não tratamos realística e seriamente com os fracassos do passado? Um dos mais seguros antídotos para o endurecimento moral é a prática disciplinada de descobrir os nossos pecados de pensamento e de vista, bem como de palavras e acções, e a sua revelação ao Nosso Pai Celestial.

A confissão dos nossos pecados ao irmão ofendido é apenas uma espécie de confissão. Outra espécie é a confissão honesta dos nossos sentimentos a outrem de maneira que possa estabelecer-se uma verdadeira comunhão entre duas pessoas. É quando honestamente partilhamos com os nossos amigos com o desejo de conhecermos e sermos conhecidos que entramos nalgumas das mais belas e mais profundas experiências da vida. Esta possibilidade é ilustrada por um incidente do livro *O Pequeno Mundo de Dom Camilo*. A história demonstra o que pode suceder quando uma vila normal fica aterrorizada.

Ninguém planeava a vinda do terror para aquela pequena vila do vale do Pó, mas havia razão para isso. As divisões políticas entre comunistas tinham sido bastante fortes. Ocorreu então um incidente que não estava planeado. Smilzo, dirigente comunista, foi acidentalmente ferido. Seus camaradas comunistas, achando-o inconsciente, tiraram a conclusão para a qual estavam emocionalmente preparados: uma bomba tinha sido arremessada pela oposição. Quem podia tê-lo feito? Eles, naturalmente, estavam prontos para dar uma resposta. Dizia-se que certo homem tinha feito uma ameaça. Como multidão arremeteram contra a casa desse homem, para exercerem violência.

O suposto agressor estava em casa com a sua esposa e filho e ali tinha passado a noite, mas a multidão não se encontrava em condições de o considerar inocente. Ele foi acusado e ameaçado. Então, enquanto estavam discutindo com ele, alguém na multidão disparou sobre ele através da janela. Ele morreu na manhã seguinte.

Desde aquele momento a vila foi tomada de terror. Cada homem olhava para os outros com suspeita nos olhos. Antes, as pessoas tinham sido amigas, bons vizinhos ou antagonistas abertamente reconhecidos. Agora eram estranhos, divididos por um muro de separação causado pelo receio mútuo, incapazes de pensar pensamentos francos ou de fazer os movimentos abertos de pessoas livres. Embora fisicamente a vila continue na mesma, do tamanho de sempre, psicologicamente tinha-se tornado demasiado pequena para mesmo duas pessoas nela viverem.

Uma noite pouco antes do Natal, Dom Camilo, o padre da vila, estava ao trabalho na sua residência retocando as figuras do presépio. Ali Peppone, presidente da Câmara e dirigente do partido comunista, encontrou-o. Peppone era seu inimigo político, mas como tinham sido camaradas no movimento de resistência contra as fascistas, tinham-se unido por laços que se converteram em laços de afeição mais estreitos do que naquele momento eram capazes de reconhecer.

Peppone estava mal disposto. Não confiava em ninguém, nem sequer em si mesmo. Tinha confiado sempre nos seus punhos; agora estes não lhe serviam de nada. O inimigo era uma emoção sem rosto, não localizada num corpo específico que pudesse ser derrubado. Pior ainda, ele tinha na sua depressão começado a duvidar da causa à qual tinha consagrado as suas energias.

«Eu desejava abandonar tudo», disse Peppone. «Mas poderei fazê-lo?»

«Que o impede?»

«Que me impede? Com uma barra de ferro em minha mão eu podia resistir contra um regimento!»

«E tem medo?»

«Eu nunca tive medo na minha vida».

«Eu tenho, Peppone. Por vezes sinto-me aterrorizado».

A observação seguinte de Peppone foi uma observação que ele não podia ter feito poucos momentos antes. «Bem, também por

vezes me sinto aterrorizado», disse ele, e a sua voz era quase imperceptível. Que tornara possível este reconhecimento final de Peppone, tão pouco em harmonia com a sua força exuberante e a sua beligerância comunista? Para responder a esta pergunta, podíamos tomar a liberdade de rever a conversação. Suponho que sua conversação tinha seguido este caminho:

«Tem medo?»

«Eu nunca tive medo na minha vida».

«Isso é o que você diz; Apostava que neste momento está cheio de medo».

Teria o dirigente comunista alguma vez reconhecido o seu medo em face de uma conversação como esta? Perante uma simples confissão de medo este outro ser humano sentiu-se livre para confessar igualmente os seus sentimentos. Os momentos em que mais agudamente temos sentido o espanto da vida têm sido momentos como estes — momentos em que ouvimos alguém gritar alto a outro que ele é um louco, ou agredindo como argumento ou derrubando-o. É nos momentos de tranquila confissão que temos sentido dentro de nós próprios a súbita manifestação das possibilidades da vida, e é quando a compreensão e o propósito partilhado se têm transformado numa relação operante, que a vida sabe bem ao iniciar-se cada novo dia.

Como devo confessar?

A confissão deve ser imediata e específica. Logo que algum pecado está em minha consciência (supondo que tenha uma consciência saudável), quer tenha sido cometido contra Deus quer contra o homem, devo confessá-lo. A minha confissão deve também ser pormenorizada. Deve ser assim, porque num sentido geral o cristão vive num estado de perdão efectuado. Por meio de Cristo os seus pecados são perdoados, e enquanto as suas relações com Cristo forem dinâmicas e progressivas, vive em relação de perdão para com Deus Seu pai. (Rom. 8:1). Ir a Deus com uma confissão geral, «Ó Deus, estou arrependido dos meus pecados; perdoa-me. Amén», não é suficiente. Uma confissão geral pode ser conveniente para um culto público na igreja, mas na devoção privada ou em relação à pessoa ofendida a minha confissão deve ser específica e pormenorizada. Isso garante-me o pleno benefício do plano de Deus para nos

ajudar a abandonar o pecado. Quando cometemos algum pecado, ferimos a Deus. A verdadeira confissão não é apenas um reconhecimento de que pecámos, mas de que pecámos contra Deus.

Em muitos casos, ferimos também os corações ou sentimentos do nosso próximo. Qual deve ser então o nosso procedimento? Devemos confessar àquele de quem esperamos o perdão. Podemos dizer que é uma verdade bíblica que é muito mais fácil manter uma correcta relação com Deus quando temos uma correcta relação com a família, os amigos e a comunidade. Os profetas hebreus dos séculos VII e VIII antes de Cristo reiteraram constantemente este tema. Diziam que oferecer sacrifícios a Deus era não só inútil mas positivamente desagradável a Ele se os adoradores tivessem vidas que não estivessem em harmonia com os mandamentos de Deus. Os mandamentos são simplesmente declarações de relações correctas e a manutenção das nossas relações com Deus deve começar com uma confissão honesta do nosso pecado.

Parece fácil, mas não é. Como é difícil dizer: «Arrependo-me; procedi mal,» ou «Por favor perdoe-me; errei». Só pessoas grandes podem fazê-lo. Certamente concordais; mas quando se trata de o fazer, é difícil.

Certa ocasião, quando D. L. Moody estava pregando a uma igreja repleta, um jovem aluno de teologia interrompeu-o e Moody deu-lhe uma resposta pouco agradável. Quando chegou ao fim do seu sermão, detêve-se e disse: «Amigos, desejo confessar perante todos vós que cometi um grande erro no começo desta reunião. Respondi estultamente ao meu jovem irmão que ali está. Peço a Deus que me perdoe e peço também a ele para me perdoar». Antes de alguém se dar conta do que tinha acontecido, o mais famoso evangelista do mundo desceu do estrado, dirigiu-se ao insignificante e anónimo jovem, e deu-lhe a mão. Uma pessoa que se encontrava presente disse: «O homem de ferro provará que dominou a coisa mais dura ao dizer em qualquer língua — 'arrependo-me'». Outra pessoa classificou o acto como «a maior coisa que jamais vi D. L. Moody fazer».

Que fazer

Arrependimento real e confissão são muitas vezes seguidos pela restituição. Isto também parece difícil — difícil saber quanto deve ser restituído e a quem deve ser

feita a restituição. Na verdade, quando são cometidos pecados contra Deus, não é possível nenhuma espécie de restituição. Só podemos adorar Aquele que, pela morte de Seu Filho, pelos nossos pecados, está pronto a apagar completamente todas as nossas transgressões. Mas nalguns pecados contra o próximo podemos e devemos fazer restituição. Pode haver dinheiro ou coisas roubadas de que se deve fazer restituição com juros, alguns prejuízos a reparar, maus ou

falsos relatórios a contradizer, uma mentira a repudiar, ou relações cortadas a reatar. Os nossos pecados têm consequências devastadoras, mas as nossas confissões têm as suas recompensas justas e certas. Adão e Eva cobriram os seus pecados e ocultaram-se da presença do Senhor. A confissão é a saída providenciada por Deus. Não permitamos que nenhuma serpente nos diga o que havemos de fazer.

SEGUNDA-FEIRA

Consagração

por D. W. Hunter

A fama de Jesus tinha-se espalhado como o fogo de queimada. O povo, vindo de aldeias, vilas e cidades, procurava aproximar-se deste Mensageiro de Deus. Queriam ver por si mesmos os milagres que Ele realizava. Queriam ouvir dos Seus lábios as palavras que para eles eram vida e esperança, pois «nunca homem algum falou assim como este homem». Nenhuma sinagoga era suficientemente ampla para conter a multidão nem se podia encontrar arena ou fóro que pudesse conter Seu auditório. Ao apinhar-se a multidão ao Seu redor, mandou-os os sentarem-se em filas na encosta do monte. João Marcos, ao descrever semelhante cena, diz que pareciam «ranchos, sobre a erva verde».

Desde a eminência que sobressaía sobre a multidão Ele começou a falar, e aos ouvidos dos que ali se encontravam soou o maior sermão jamais pregado pelo maior Pregador que jamais viveu. Chamamo-lo o Sermão da Montanha.

Primeiro vêm as Bem-aventuranças, apresentadas como uma escada de crescimento cristão. Seguiram-se outras lições espirituais. Depois para indicar que o verdadeiro cristianismo é uma experiência prática e diária, o Mestre fez a aplicação: «Onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração». Mat. 6:21.

«Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há-de odiar um e amar o outro ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom». Ver-

sículo 24. Como sucedia há 19 séculos, o nosso maior problema de hoje é relacionar uma vida espiritual consagrada e dedicada com a pressão e solicitações de uma riqueza material e vida agradável.

Jesus tirou lições das aves que viam voar e das flores silvestres que se apresentavam a seus olhos. Deus as alimentava e vestia. «Não andeis pois inquietos, dizendo: que comeremos, ou que beberemos, ou com que nos vestiremos? ... Decerto vosso Pai Celestial bem sabe que necessitais de todas estas coisas». Versículos 31, 32. «Mas buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas». Versículo 33. Esta é a chave para a consagração, o guia para uma vida piedosa. Deus em primeiro lugar. A vida não consiste nas coisas materiais. Em última análise há apenas uma coisa que podemos levar desta vida para a outra, a saber, o carácter.

Jovens, a pergunta que vos enfrenta não é «Como ganharei a vida?» Mas «Como viverei?» Porque tende a certeza, se viverdes rectamente, Deus proverá com que viver. Se sinceramente orardes, «Que queres que eu faça?» Deus suprirá a resposta.

Ponde Deus em primeiro lugar

Ponde Deus em primeiro lugar em todos os actos da vossa vida diária. Começai desde já consagrando a Ele vós mesmos, os vossos talentos e o vosso serviço. A consagração é mais do que dedicação. Algu-

mas pessoas são dedicadas às suas profissões, ou às suas artes, ou até a fazer dinheiro; mas para ser consagrado, deve haver uma dedicação sagrada. Consagração significa «ser posto à parte para um propósito santo». Quando é feita esta decisão, a primeira reacção é seguir os caminhos de Deus, pensar e agir como Ele o faria.

Um jovem recruta dirigiu-se ao seu pastor para se despedir dele antes de partir para a vida militar. Renovou a sua consagração ao orarem juntos. Passadas algumas semanas visitou de novo o pastor. Contou-lhe o escárneo e ridículo de que tinha sido objecto no quartel quando procurava fazer as suas devoções da noite. Sendo bastante tímido, procurava ler a Bíblia e orar quando não estava ninguém perto. Recordando porém, o seu voto, começou a estudar a lição da Escola Sabatina e a ajoelhar-se junto do seu beliche em oração pouco antes de as luzes se apagarem à noite. A princípio, ouvia assobios e botas atiradas ao redor dele.

«E como vão as coisas agora?» perguntou o Pastor.

«Oh! Agora temos um grupo de estudo bíblico e de oração cada noite junto do meu beliche».

Isto é pôr a Deus em primeiro lugar.

Ponde a Deus em primeiro lugar ao planeardes o vosso futuro: «Que queres que eu faça?» Há uma voz mansa e delicada convidando-vos a preparar-vos para o ministério? Ou para o ensino? Ou para ajudar as necessidades físicas da humanidade por meio da enfermagem ou medicina?

Jovem amigo, corresponde à mão orientadora de Deus. Ele sabe o que é melhor para ti. Porque não confiar que Ele dirija todos os passos do teu caminho?

Pensai por um momento nalguns daqueles que se consagraram a Deus e seguiram a Sua mão directora. Moisés foi convidado para ocupar o segundo lugar junto do Faraó do Egipto, que nessa altura era uma potência mundial. O seu conhecimento da lei e do governo, o seu domínio da ciência militar e da diplomacia política, talvez jamais tenham sido igualados. Então veio o apelo de Deus para deixar tudo isso e conduzir os escravizados israelitas para a prometida Canaã. Ele podia ter ficado ali no Egipto. Ele podia ter-se tornado outro faraó. A sua múmia podia estar hoje perante o público nalgum museu. Mas ele respondeu ao apelo de Deus. Conduziu Israel até às margens

do Jordão. Dormiu por um momento, e então Deus enviou os Seus anjos para o ressuscitarem. E hoje está sentado à direita do trono de Deus. Deus sabia o que era melhor para Moisés. Ele sabe o que é melhor para nós.

Saulo era um zeloso e infatigável obreiro na sua igreja. Era um homem de vigor intelectual. Quando admitido no sinédrio, foi um dos mais jovens membros a receber essa honra. O seu futuro estava assegurado. Então, um dia, na estrada de Damasco, Deus chamou Saulo para o Seu serviço. Os seus antigos amigos procuraram matá-lo. O seu futuro estava arruinado. Estaria de facto? Ele tornou-se Paulo, o grande apóstolo dos gentios. Suas cartas às igrejas guiaram o primitivo movimento cristão e continuam ainda hoje a aconselhar-nos. Mesmo no momento em que a sua cabeça foi separada do corpo pela espada do carrasco, quase podemos ouvi-lo dizer: «Combati o bom combate; desde agora, a coroa da justiça me está guardada».

Ellen Harmon era uma frágil menina de 17 anos quando o grande desapontamento de 1844 quase aniquilou o movimento da hora do juízo formado anos antes. Deus deu-lhe uma mensagem em visão e mandou que ela a comunicasse ao «pequeno rebanho». Ela desculpou-se com a sua doença, a sua falta de educação, a sua timidez; mas, submetendo-se ao apelo de Deus, fielmente transmitiu esta e muitas outras mensagens durante 71 anos enquanto a igreja remanescente de Deus nascia, se organizava, e se desenvolvia. A Palavra de Deus por meio dela ainda soa aos nossos ouvidos: «Com tal exército de obreiros como o que poderia fornecer a nossa juventude devidamente preparada, quão depressa a mensagem de um Salvador crucificado, ressuscitado e prestes a vir poderia ser levada ao mundo todo!» — *Educação*, pág. 271.

Buscai primeiro o reino

Jesus disse: «Buscai primeiro o reino de Deus e a Sua justiça; e todas estas coisas vos serão acrescentadas». Ele significava exactamente o que dizia. Alguns jovens queixam-se de que se realmente se consagrarem a Deus, serão privados de todas as boas dádivas da vida. «A que renunciámos nós, ainda que renunciemos a tudo? — A um coração manchado pelo pecado para que Jesus o purifique, lavando-o em Seu

próprio sangue, e o salve por Seu inefável amor». *Degraus da Vida Cristã*, pág. 41.

O Senhor não quer que abandonemos nada que seja bom. Ele quer que prosperemos, sejamos felizes, tenhamos saúde, desfrutemos alegria.

Há quem pense que o Cristianismo é austero e sempre triste. Os jovens adventistas do sétimo dia deviam ser as pessoas mais felizes da terra. Todo o bem que o mundo tem para oferecer pode ser nosso, acrescentado à alegria dos pecados perdoados, ao conhecimento de uma nova terra libertada do pecado, e à emoção de levar outros a esta mesma jubilosa experiência. Vidas verdadeiramente consagradas trazem ricas recompensas e grandes resultados.

Uma epidemia de paralisia infantil gracejou na área metropolitana de uma cidade do centro dos Estados Unidos. O nosso hospital adventista daquela terra estava repleto de vítimas desta doença. Logo que os sintomas agudos diminuiam, os doentes eram enviados para casa a fim de darem lugar a novos doentes. Uma menina de 12 anos foi visitada em sua casa, por duas das nossas enfermeiras em seu tempo livre, e por meio de tratamento diário e de reabilitação, ela recuperou o uso normal de todas as suas faculdades. Este serviço gratuito, consagrado, amoroso, não passou despercebido naquela cidade. Quando este hospital necessitou de ser ampliado para preencher os requisitos oficiais e as necessidades da comunidade, houve completa cooperação no levantamento de fundos por parte de todos os habitantes daquela área.

Mas a história não termina aqui. Poucos anos mais tarde um grande inventor e filantropo americano faleceu noutro estado. Quando foi aberto o seu testamento, descobriu-se que tinha sido deixada uma grande soma para um centro médico na sua propriedade. Seu filho, que vivia na comunidade perto do hospital, foi feito o executor do testamento e o administrador daquele fundo.

Utilizando o fundo, construiu um grande hospital moderno. Foi estabelecido um programa de preparação de enfermeiras. Uma grande igreja adventista surgiu nesta área, e os seus membros têm uma oportunidade excepcional para testemunhar. Esta é a história do centro médico de Carlos F. Kettering, em Dayton, Ohio. Que monumento em memória de duas consagradas enfermeiras que ministraram em Hinsdale, Illinois.

Juventude consagrada

Sim, há ainda grandes necessidades e tremendas oportunidades para a juventude consagrada em todo o mundo. Por importante que seja, a nossa maior necessidade não é a de dinheiro. Nem tão pouco de edifícios e instituições, embora estes desempenhem uma parte importante. A nossa maior necessidade é de um exército de competentes e consagrados rapazes e meninas que ousem terminar a obra de Deus nesta geração.

Um dia uma chamada distante chegou ao escritório da União em Nova Delhi, Índia, de um jovem casal missionário. Pediam permissão para levar a sua filha de 11 meses para o planalto, longe do calor tropical da planície. O bebê, sua única filha, tinha tido mais de 100 convulsões num período de 24 horas. Dentro de poucas horas, o carro da missão transportou-os para o fresco planalto. Todavia, a pobre criança não correspondeu às esperanças e um exame revelou um tumor no cérebro. O crânio foi aberto e foram administrados antibióticos. Em breve a família voltou para a sua estação missionária.

Alguns meses mais tarde apareceram no escritório da União os ansiosos pais acompanhados de sua filha doente. O raio X revelara que havia pressão dos ossos sobre o cérebro. Os três voaram apressadamente para os Estados Unidos, e no dia seguinte recebemos um telegrama dizendo que a criança tinha morrido na mesa de operações. Imediatamente foram enviados aos pais um telegrama e uma carta de simpatia. Na carta era dito que o jovem casal podia ficar nos Estados Unidos, se assim desejasse, ou ter umas curtas férias, embora não fosse ainda o tempo para elas. A resposta veio tão rápida quanto o avião a pôde trazer: «Os nossos corações estão tristes, mas sentimos que a Índia tem necessidade de nós. Não desejamos ficar aqui, nem ter férias, mas voltar para o nosso campo de trabalho tão depressa quanto possamos». E voltaram. Isto sucedeu em 1951, e ainda ali permanecem.

Jovens da Mensagem Adventista, que Deus vos faça os homens e mulheres que Ele deseja que sejais nesta hora tremenda.

Visado pela Censura

Conhecimento de Deus

por George Brown

Texto: «E a vida eterna é esta: que Te conheçam, a Ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste». João 17:3.

É indisputável que vivemos na idade de maior conhecimento nos anais da história humana. O nosso século é um período de vasta e extraordinária informação. Com espantosa precisão a antiga profecia de Daniel 12:4 está sendo cumprida dramaticamente perante os nossos olhos. Milhões de pessoas famintas de conhecimento invadem as instituições de ensino. Com efeito, os homens correm de uma parte para outra e a ciência está sendo multiplicada. Em cada campo de actividade humana, a humanidade está recuando o horizonte, na sua busca de novas fronteiras de compreensão.

É alarmante, porém, que no meio desta prossecução de conhecimentos, tão poucos tenham dado sério estudo ao mais importante de todos os conhecimentos — o de Deus e de Seu Filho Jesus Cristo. Conhecer a Deus é certamente a experiência mais vital em que pode entrar o homem. A este conhecimento deve ser dado o primeiro lugar no nosso pensamento, pois ele transcende todas as outras formas. Jesus Cristo afirmou claramente que conhecer a Deus é ter a vida eterna.

A chave de todo o verdadeiro conhecimento

A chave para todo o verdadeiro conhecimento é uma compreensão experimental de Deus. «O conhecimento de Deus e de Jesus Cristo expresso no carácter é uma exaltação superior a tudo o mais que se estime na terra e no céu. ... Este conhecimento designa Deus que possuam todos os que se revestem de Cristo». — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 457. O conhecimento de que aqui se fala é mais do que um contacto passivo com a doutrina de Deus. É pessoal, íntimo e experimental. Uma religião de outiva é ineficaz e estagnante; mas um conhecimento pessoal de Deus é dinâmico. Ellen G. White faz esta pertinente declaração: «Cristo fica sem valor para nós, se O não conhe-

ceamos como Salvador pessoal». — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 289.

Jesus disse: «E a vida eterna é esta, que Te conheçam. Em Filipenses 3:10 Paulo afirma que o seu maior ganho era «conhecê-l'O e à virtude da Sua ressurreição». É dado o testemunho da Escritura para que possamos *conhecer* a Deus como uma pessoa viva e sempre presente operando em nossas vidas. É uma experiência de pessoa a pessoa, coração a coração e mente a mente. Não é uma compreensão abstracta de uma Divindade impessoal.

Não basta conhecer *acerca de Deus*. Podemos ser versados no que a Bíblia diz acerca de Deus; podemos ser profundos estudantes de Cristologia; podemos ser profundos nos ensinamentos cardiais da Escritura; podemos ser zelosos expositores do Evangelho. Todavia, nenhuma destas coisas é um substituto adequado para um pessoal e íntimo conhecimento de Deus. Conheço eu verdadeiramente a Deus e a Seu Filho Jesus Cristo na base de um encontro pessoal? Esta é a pergunta crucial.

O remédio para os males do homem

O nosso conhecimento de Deus deve ser salvífico, santificador, radicado e fundado na pessoa e carácter de Jesus Cristo. É isto que transforma o nosso carácter e muda a nossa total perspectiva de vida. Esta espécie de relação com Deus outorga três coisas ao Cristão — poder para *viver* para Cristo, poder para *testemunhar* em favor de Cristo e poder para *aguardar* a Cristo.

É disto que os jovens cristãos hoje necessitam. O homem do séc. XX é apanhado num terrível dilema. O mundo tem sido descrito como uma enorme enfermaria de psiquiatria ocupada por uma geração cujas mentes se encontram torcidas e deformadas. O quadro do homem moderno é um espectáculo grotesco de personalidades confusas, tacteando nas trevas em busca de algo que alivie os seus temores, mas nada ouvindo senão o eco vão de seus descrentes gritos. É estranho, porém, que o que o homem desesperadamente necessita é de uma

relação pessoal com o Deus que tem procurado obliterar do seu pensamento. Mais cedo ou mais tarde tem de enfrentar o facto inevitável de que a vida não oferece *nenhum* substituto para Deus. No seu subconsciente, o homem está freneticamente buscando algo que apenas um conhecimento íntimo de Deus pode satisfazer. O que o homem necessita é de Deus, não de dinheiro; de paz, não de prosperidade; de perdão, não de popularidade.

No contexto dos temores e frustrações do homem, Ellen G. White faz esta notável observação: «A primeira grande lição em toda a educação é *conhecer* e compreender a vontade de Deus». — *Fundamentals of Christian Education*, pág. 414. A isto deve ser dado o primeiro lugar na nossa lista de prioridades. A Deus deve ser dado o primeiro, o melhor e o último lugar em nosso pensamento. O homem necessita de enfrentar o facto solene de que Deus não está morto, mas gloriosamente vivo e dinâmico nos assuntos do universo. Deus escolheu revelar-Se-nos de numerosas maneiras. Os céus declaram a glória de Deus; a majestade do nascer do sol, a maravilhosa beleza do mundo que nos cerca, a voz mansa e delicada da consciência, e, melhor do que tudo, o Incarnado Filho de Deus, são provas de que Deus está pessoalmente relacionado com as nossas vidas.

Resultados de conhecer a Deus

Há algo profundamente satisfatório nesta íntima compreensão de que Deus faz algo em favor do homem que ninguém mais podia fazer. Quais são algumas indicações de que uma pessoa realmente conhece a Deus? Vamos considerar apenas três.

Em primeiro lugar, uma relação genuína e íntima com Deus produz genuíno amor. Em 1 João 4:7-9, o apóstolo amado salienta repetidas vezes o facto de que uma vida de amor é a manifestação directa de nossa relação com Deus. O amor é a virtude suprema do cristão, uma prova inequívoca e positiva da relação de uma pessoa com Deus. João põe aqui em equação o amor inspirado por Deus com o novo nascimento, e com razão, pois que conhecer pessoal e experimentalmente a Deus é ser transformado à Sua semelhança. Nunca, na longa história da humanidade, esteve o mundo em maior necessidade de uma demonstração de amor centralizado em Deus. O amor nasci-

do de uma compreensão de Deus é mais do que simples sentimentalismo subjectivo. É um princípio são e divino que toma posse total do cristão.

A nossa relação com Deus, com as nossas famílias, nossos vizinhos, nossas comunidades, nossa igreja e o mundo em geral deve ser governada pelo princípio de *Ágape*, ou seja, do amor. Este amor não pode ser obtido senão num profundo e íntimo conhecimento de Deus. Quando um indivíduo aprende de Cristo como Senhor e Salvador, o exuberante amor que constitui o carácter de Deus é-lhe miraculosamente transmitido. Deus é Amor e os que estão em íntimo contacto com ele também o possuem.

O amor não é um simples atributo de Deus; é a própria soma e substância da Sua natureza. Semelhançamente, os que na verdade conhecem a Deus são por virtude da sua nova natureza homens e mulheres de amor. O amor que daí resulta é imparcial e genuíno, nunca inibido pelo preconceito. Não reconhece barreiras nacionais, nem discriminação racial ou de classes. Este amor é universal no seu objectivo, ilimitado na sua extensão, divino na sua origem e eterno na sua duração. Nenhum homem pode conhecer a Deus e desprezar a seu irmão, pois «aquele que não ama não conhece a Deus; porque Deus é amor!» O amor tem como seu objectivo supremo o mais elevado bem de todos os homens. Os que verdadeiramente conhecem a Deus são dominados pelo amor, até ao ponto de estarem dispostos a fazer todo o sacrifício e a correr todos os riscos para partilhar com outros o conhecimento e a graça salvadora e transformadora de Jesus Cristo. Só eles podem genuinamente dizer: «O amor de Cristo nos constrange».

Em segundo lugar, quando o indivíduo conhece a Deus, isso expressa-se em amorosa obediência a toda a vontade revelada de Deus. A validade desta asserção é claramente estabelecida em 1 João 2:3-5. «Nisto sabemos que O conhecemos: se guardarmos os seus mandamentos. Aquele que diz: Eu conheço-O e não guarda os Seus mandamentos é mentiroso, e nele não está a verdade. Mas qualquer que guarda a Sua palavra, o amor de Deus está nele verdadeiramente aperfeiçoado: nisto conhecemos que estamos n'Ele». Nestes três versículos João salienta três vezes a importância da obediência motivada pelo amor. No versículo 3 diz positivamente: «Nisto sabemos que O conhecemos: se guardarmos os Seus man-

damentos». No versículo 4 João coloca um acento negativo na inseparável relação entre *conhecimento* de Deus e *obediência*: «Aquele que diz: Eu conheço-O, e não guarda os Seus mandamentos, é mentiroso, e nele não está a verdade». Pela terceira vez, o apóstolo salienta este mesmo ponto no versículo 5: «Mas qualquer que guarda a Sua palavra, o amor de Deus está nele verdadeiramente aperfeiçoado. Nisto conhecemos que estamos n'Ele».

O conhecimento de Deus de que aqui se fala é uma relação contínua com Jesus Cristo, que naturalmente se expressa em adesão à revelada vontade de Deus. O original de 1 João 2:3 diz: «Nisto sabemos que O *conhecemos* e continuamos ainda a *conhecer*». Isto implica um contínuo conhecimento progressivo de Deus resultando numa contínua obediência inspirada pelo amor, obediência esta que nunca é espasmódica.

Os que conhecem a Deus «andam... como Ele (Jesus) andou». Demonstram diariamente que estão procurando servir seu bendito salvador em sua conduta total.

No vestuário, no comportamento, na linguagem, na escolha de companheiros, e em todas as coisas os que de facto conhecem a Deus andarão como Jesus andou. É copiando a Jesus, amando-O, dependendo inteiramente d'Ele, que somos transformados à Sua imagem.

Os jovens que conhecem o Seu Deus pessoalmente fornecerão ao mundo um exemplo claro e positivo de santidade e viver piedoso. Disse Jesus: «Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos Céus». Mat. 5:16. O mundo deve ser atingido com o Evangelho, e deve ser ajudado a compreender que Ele «é o poder de Deus para salvação». O falar alto nem sempre tornará este facto claro, mas sim o deixar que a vossa luz resplandeça. O homem da rua nem sempre fica impressionado com a disputa teológica de doutrina, mas não pode escapar à influência de um carácter semelhante ao de Cristo. Conhecer a Deus é portanto amá-l'O; amá-l'O é obedecer-Lhe; obedecer-Lhe é fornecer ao mundo um exemplo de verdadeira santidade e de vida centralizada em Cristo.

Em terceiro lugar, outro resultado significativo de conhecer a Deus é a posse de força moral e espiritual. Lemos em Daniel 11: 32: «Mas o povo que conhece ao seu Deus

se esforçará e fará proezas». Que repto dinâmico isto constitui para os jovens que desejam ser fortes e fazer proezas para Deus! Estas palavras voltam a salientar um facto que tem sido repetidamente demonstrado através da história da igreja. Daniel, Ester, Moisés, Paulo, J. N. Andrews, James White, Desmond Doss, para nomear apenas alguns, ilustram a verdade deste texto. Os homens que conhecem a Deus são fortes e fazem proezas.

A fortaleza moral e espiritual origina-se num conhecimento pessoal de Deus. Só os que na realidade conhecem o seu Deus podem fazer proezas para o reino dos céus. O conhecimento superficial e teórico não pode tornar os homens fortes. É a compreensão genuína e prática de Deus como realidade dinâmica em nossas vidas que produz proezas. Os jovens que conhecem o seu Deus e a sua divina operação na história através do poder e pessoa de Jesus Cristo são pessoas extraordinárias.

Devido à sua fibra moral e espiritual, operam no reino do extraordinário. Desdenham o medíocre e o ordinário. Suas consequências são sempre na grau superlativo.

Os que conhecem a Deus são pessoas de acção positiva. A versão revista traduz a palavra *proezas* por *acção*. Assim, as pessoas que conhecem o Seu Deus serão fortes e actuarão. O conhecimento de Deus nunca produz estagnação passiva. O cristianismo é uma religião construtiva, levando a pronta e zelosa acção contra todas as formas de pecado e de mal e apoiando a causa da verdade. Todo o homem, mulher e criança que verdadeiramente conhece a Deus tem uma tarefa a realizar. Sempre que Deus chama um homem, dá-lhe também algo a fazer. Com efeito, conhecer a Deus é apresentá-l'O aos outros. Este conhecimento é um fogo no coração e na alma do cristão, e ele não pode permanecer parado enquanto homens perecem na ignorância e no pecado. O maior repto jamais colocado perante a juventude adventista está agora perante vós. Os jovens de Deus devem ser homens de acção. Eles devem responder agora!

Jovens, ao considerardes este assunto vital do vosso *conhecimento* de Deus, necessitais de enfrentar os vossos próprios corações com estas perguntas: Conheço eu real e verdadeiramente a Deus e a Seu Filho Jesus Cristo? Tenho eu andado nos passos de Cristo? Como Paulo devíeis orar: «Ó Deus, ajuda-me a conhecer-Te e à virtude

da Tua ressurreição». Como podeis entrar nesta maravilhosa experiência? O salmista fornece a resposta: «Sossegai, e sabeí que

Eu sou Deus». Lembrai-vos sempre de que a vida eterna é conhecer a Deus e a Jesus Cristo a quem Ele enviou.

QUARTA-FEIRA

A Prova do Verdadeiro Discípulo

por Leslie Hardinge

Ao lado de uma sossegada rua de Gauhati, Índia, estavam dois homens sentados numa pedra, um dos quais era uma edição mais nova do seu companheiro. O homem mais velho vestia um longo manto de algodão de côr de açafrão, o seu cabelo estava entrançado num grande novelo que caía sobre a sua nuca, apoiava-se num grande bordão e usava sandálias. O jovem usava o cabelo no mesmo estilo. O seu manto também era comprido e amarelo. Também ele usava bordão e sandálias.

A investigação revelou que ele seguia o homem mais velho para onde quer que fosse e vigiava-o atentamente. Comia o que ele comia e procurava partilhar de todas as suas experiências. Tinha submetido a vontade e as inclinações ao seu ideal. Tinha deixado a casa e os parentes para unir a sua vida à do seu mestre. Esta é uma ilustração de discipulado.

A palavra *discípulo*, significa «seguidor de um mestre». Mas esta relação abrange mais do que a de um estudante. O discípulo não só aprende, mas pratica. Nos dias de Jesus muitos conheciam os ensinamentos do Mestre. No entanto, não lhes foi enviada a gloriosa mensagem do anjo naquela manhã da ressurreição, mas sim às mulheres crentes. Foi dito a estas para irem «dizer aos *discípulos* e a Pedro» (Marc. 16:7) que Aquele a quem eles seguiam vivia. A ressurreição só podia ser compreendida por um verdadeiro discípulo.

As condições do discipulado, bem como os seus resultados diários, foram apresentadas por nosso Salvador «aos judeus que criam n'Ele». «Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sereis Meus discípulos», declarou Ele, acrescentando: «e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará». João 8:31,32. Os seguidores de Jesus, na igreja de Antioquia, viviam tão meticulosamente de acordo com os Seus princí-

pios, que os homens viam neles as características do Salvador. Foi ali que os discípulos foram pela primeira vez chamados cristãos. (Act. 11:26). Que pensam as pessoas da vossa localidade acerca da maneira como vós imitais o Senhor?

Pensemos agora no que é necessário para alguém se tornar discípulo. Nosso Salvador foi claro acerca de três importantes obstáculos que é necessário vencer para alguém se tornar discípulo. Numa ocasião Jesus ensinou as multidões curiosas: «Se alguém vier a Mim, e não aborrecer a pai e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs, e ainda também a sua própria vida, não pode ser Meu discípulo». Luc. 14:26. Aqui nosso Senhor salienta a atitude do discípulo para com os que formam o seu círculo social. «Aborrecer», nos Seus lábios, significa «amar menos». As afeições do discípulo devem pois ser supremamente colocadas no seu Senhor. Nenhuma pessoa, por mais próxima e querida, deve pôr-se de permoio.

Levando a cruz

Em seguida Cristo conduziu as mentes dos Seus ouvintes para dentro de seus próprios corações. Eles deviam analisar as suas ambições, perscrutar suas íntimas inclinações. Deviam determinar se, sim ou não, o próprio eu ocupava ainda o trono, pois, dizia Ele, «qualquer que não levar a sua cruz, e não vier após Mim, não pode ser Meu discípulo». (Luc. 14:27). A cruz era um instrumento de morte. Nela, o próprio eu deve ser morto. A vontade do discípulo deve portanto submeter-se completamente à do seu Senhor. Nenhuma inclinação ou ambição, por mais acariciada que tenha sido, se deve intrometer entre ambos.

Finalmente Jesus conduziu os pensamentos dos Seus ouvintes para os seus haveres. Com demasiada frequência as coisas da vida absorvem o nosso tempo e dominam o carácter da nossa vida. Jesus ur-

ge-nos a que não deixemos que os nossos haveres ou desejos materiais obstruam o caminho impedindo-nos de O seguirmos completamente. Os recursos em dinheiro e terras do discípulo devem ser postos à disposição do Seu Mestre, para serem conservados em depósito ou abandonados conforme o Seu Espírito indicar.

Um discípulo de Cristo é assim alguém que renunciou ao domínio na sua vida de amigos ou parentes, de coisas materiais e até da sua própria vontade. Deliberadamente aceitou a disciplina do Seu Senhor e Mestre. Decidiu dominar os Seus ensinamentos submetendo-se ao Seu programa de vida diária. Está preparado para continuar nesta relação em demanda do ideal enquanto a sua vida durar.

O Novo Nascimento

O seguinte ponto que devemos considerar é este: Como tornar-me tal discípulo? Ao processo são dados diferentes nomes nas Escrituras. Jesus falou dele como sendo o novo nascimento (João 3:3-10). Paulo chamou-o uma «nova criação». (II Cor. 5:17, margem). Quando Saul, primeiro rei de Israel, submeteu a sua vida à guarda de Deus, os velhos hábitos terminaram. Tudo se tornou novo. Como um bebê, dando os primeiros passos na vida o discípulo começa a sua relação com o Mestre.

A pergunta prática para cada pessoa que aspira ser cristã é esta: Como pode ocorrer em minha vida esta transformação? A Bíblia é clara acerca do Agente que operou a transformação na vida do rei Saul. Foi «o Espírito do Senhor». (I Sam. 10:6). Quando Nicodemos perguntou com cepticismo como podia operar-se esta transformação numa pessoa adulta, como, na realidade, um homem podia nascer de novo sendo velho, Jesus declarou que o Espírito era o Mensageiro do Céu para realizar esse milagre. Cristo chamou a atenção do rabi para o vento. Ele é trazido por asas invisíveis. Não produz qualquer som. Mas vêm-se os seus efeitos. Da mesma maneira aquele que nasceu do Espírito de Deus pode não ser capaz de dizer quando nem donde veio a influência que transformou a Sua vida. Mas ele sente que se está operando uma revolução radical. Os que O conhecem também notam esta transformação.

Movido pelo Espírito o filho de Deus vê a diferença entre o que é agora e o que foi.

Tem também um vislumbre do que pode tornar-se em Cristo. E como a flor que se volta para a luz, Ele prossegue os ideais do Sol da justiça, que traz «a cura debaixo das suas asas».

Nesta transformação o factor mais importante, sob o ponto de vista humano, é a vontade do discípulo. Ele escolhe colocar-se na escola de Cristo. Resolve aprender d'Ele. O apóstolo Paulo apresenta-nos claramente o procedimento que o jovem cristão deve agora seguir: «Se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo». II Cor. 5:17. O eu é morto, crucificado com Cristo.

O jovem cristão deve agora deliberada e constantemente procurar seguir o seu Senhor. O apóstolo aconselha: «Pensai nas coisas que são de cima, e não nas que são da terra; porque já estais mortos, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus». Colossenses 3:2, 3. Em seguida recomenda: «Mortificai pois os vossos membros que estão sobre a terra». Versículo 5. Depois disso Paulo enumera os pecados que tentam a humanidade, e acrescentou: «Mas agora despojai-vos também de tudo: da ira, da cólera, da malícia, da maledicência, das palavras torpes da vossa boca». Versículo 8. O discípulo deve fazer este esforço. Deve, deliberadamente, procurar pôr de lado os seus velhos hábitos com o auxílio do gracioso Espírito de Deus.

De quem é o coração?

Ellen White faz algumas pertinentes perguntas acerca desta fase do progresso do discípulo. «Quem possui o nosso coração? Com quem estão os nossos pensamentos? De quem gostamos de falar? Quem é o objecto de nossas mais ardentes afeições e de nossas melhores energias? Se formos de Cristo, os nossos pensamentos estarão com Ele, e n'Ele se concentrarão as nossas mais doces emoções. Tudo que temos e somos Lhe será consagrado. Desejaremos vivamente reproduzir Sua imagem, possuir Seu Espírito, fazer Sua vontade e agradar-Lhe em todas as coisas». — *Degraus da Vida Cristã*, pág. 52.

Embora não ganhemos a salvação pela nossa obediência, esta é o sinal de que Cristo proveu a nossa salvação. Um maravilhoso índice do verdadeiro discipulado é apresentado por Ellen White: «Toda a verdadeira obediência vem do coração. Deste pro-

cedia também a de Cristo. E se consentirmos, Ele por tal forma se identificará com os nossos pensamentos e ideais, dirigirá o nosso coração e espírito em tanta conformidade com o Seu querer, que, obedecendo-Lhe, não estaremos senão seguindo os nossos próprios impulsos. A vontade, refinada, santificada, encontrará o seu mais elevado deleite em fazer o Seu serviço. Quando conhecermos a Deus como nos é dado o privilégio de O conhecer, a nossa vida será de contínua obediência. Mediante o apreço do carácter de Cristo, por meio da comunhão com Deus, o pecado tornar-se-nos-á aborrecível». — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 498.

Devemos *permanecer* em Cristo pelo Seu Espírito. Então beberemos do Seu poder vivificador como o ramo bebe a seiva da verdadeira videira. Nossos sentimentos e pensamentos e acções serão semelhantes aos do tronco. Como Cristo, poderemos exultar: «Deleito-me em fazer a tua vontade, ó Deus meu: sim, a Tua lei está dentro do meu coração». Sal. 40:8. A Bíblia dá-nos uma prova infalível de discipulado: «Nisto sabemos que O conhecemos, se guardarmos os Seus mandamentos». «Aquele que diz que está n'Ele, também deve andar como Ele andou». 1 João 2:3,6. Para nos ajudar a alcançar esta norma, Cristo deixou aos Seus discípulos «o exemplo, para que sigais as Suas pisadas» (1 Pedro 2:21) e um Espírito Auxiliador que jamais nos abandonará.

Resumamos o que se passa quando uma pessoa se torna discípulo de Cristo. Em primeiro lugar, o pecador sente a sua pecaminosidade. Isto é produzido pelo Espírito. A sua mente é dirigida para Jesus como Seu Salvador. Ele aprende os ideais do cristianismo vendo o carácter de Cristo manifestado nas actividades e provas e conflitos da história evangélica. Compreende que a não ser que se torne discípulo de Cristo, estará perdido. Tudo isto, também, é produzido pelo Espírito. Então o que deseja ser discípulo entrega a sua vontade, os seus pensamentos e ambições, as actividades na sua vida, ao Seu Mestre. Deseja servi-l'O, imitá-l'O. Este acto de submissão, esta prontidão, é também operada pela presença do Espírito. Quando o pecador decide seguir a Cristo, nasce de novo pelo poder do Espírito. Uma nova fonte de vida opera agora em sua mente. Tem um novo senso de direcção; tem novos desejos. Os seus objectivos são diferentes do que eram antes — estão

centralizados em Cristo e dirigidos para o Céu. No programa do novo discípulo as actividades puramente egoístas são postas de lado, e esta vida presente tem um objectivo eterno. Também isto é obra do Espírito.

Mas para que isto se produza, o discípulo necessita de fé. Também aqui não é deixado aos seus próprios recursos. Mesmo esta fé não é sua própria; «é dom de Deus». (Efés. 2:8). Foi de facto «a fé de Jesus» que levou o Salvador através de todos os Seus perigos e dificuldades. Esta fé não é apenas um assentimento mental. «Também os demónios crêem, e estremecem» (Tiago 2:19), mas não têm fé. «Onde existe não só a crença na palavra de Deus mas também submissão à Sua vontade: onde o coração se Lhe acha rendido e as afeições n'Ele concentradas, aí existe a fé — a fé que opera por amor e purifica a alma. É por meio desta fé que a alma é transformada à imagem de Deus». — *Degraus da Vida Cristã*, pág. 57.

E assim a fé, dom confiado por Cristo em Seu Senhor, é a resposta do discípulo ao dom da vida eterna que Deus oferece. Procurando o que Jesus é, e o que tem feito por ele e o que está pronto a fazer por ele, o discípulo lança-se aos pés da cruz, clamando: «Misericordioso Salvador, entrego-me a Ti para sempre». E assim começa a peregrinação diária. O estudo diário do amável carácter de Cristo, um anseio diário por uma conformidade mais íntima com Ele, uma submissão diária da vontade ao domínio do Espírito, uma execução diária do programa do Mestre no conflito da vida — esta é a experiência do discípulo de Cristo. E à medida que desconfia do seu próprio poder, o seu amor e confiança em Cristo tornar-se-á o elemento dominante na sua vida.

Quanto mais claramente virmos o maravilhoso carácter de Jesus, tanto mais longe nos consideraremos estar d'Ele, e mais cheios de faltas nos veremos aos nossos próprios olhos. Haverá fracassos, mas o discípulo tem um Advogado para com Deus o Pai. (1 João 2:1). E nunca esqueçais que «o carácter se revela, não por boas ou más acções ocasionais, mas pela tendência habitual das palavras e dos actos». — *Degraus da Vida Cristã*, pág. 52. A perfeição de Cristo trará à plena luz a nossa própria pecaminosidade. Isto é evidência de que os enganados de Satanás perderam o seu poder; de que a vivificadora influência do Espírito

de Deus está despertando os nossos corações. «Se não reconhecemos a nossa deformidade moral, temos a prova inequívoca de que não alcançamos ainda uma visão da beleza e da excelência de Cristo». — *Ibidem*, pág. 58. Como correspondeis a estes ideais?

Ferne I. Ellingworth conta uma comovente história de verdadeiro discipulado. Mama Marita e o seu marido foram baptizados na Tanzânia. Durante algum tempo foram felizes, mas o marido voltou ao vício do fumo e da bebida. Proibiu Mama de ir à Igreja. Quando ela ia, batia-lhe. Mandava-a fazer cerveja para ele, e quando ela recusava, batia-lhe ásperamente. Como ela continuasse a ir à Igreja e a dar algumas pequenas ofertas, ele queimou a sua Bíblia e os vestidos e atacou-a ainda mais. Os missionários deram-lhe vestidos, e ela voltou à Igreja. Quando ela e os filhos ajoelhavam em oração, ele batia-lhes.

Quando uma noite ela vagueava no mato, desanimada, pareceu-lhe ouvir um belo hino. Ela estava nos campos dos pastores, e Jesus aproximou-se dela e contou-lhe todas as provas que tinha sofrido por ela.

«Que sofreste tu por mim?» perguntou Ele. Marita voltou para casa, para enfrentar uma prova ainda maior. Seu marido tinha tomado uma segunda mulher, a quem deu os belos vestidos que os missionários tinham dado a Marita. Um dia ficou tão enraivecido que bateu em Marita com o pesado pilão usado para pisar o milho. Deslocou-lhe uma anca, feriu-lhe as costas, e bateu-lhe tanto que a deixou inconsciente. Atando uma corda à volta do seu pescoço, esperava ele que as pessoas pensassem que ela se tinha enforcado.

Mas os seus filhos aterrorizados chamaram os missionários. Ela foi levada da clínica para o hospital e finalmente enviada para Nairobi. Complicada cirurgia, quatro anos na cama, carinhosa enfermagem, uma vontade decidida — e finalmente ela voltou à igreja para orar pelo marido que quase a tinha morto. Que cristã! Que *discípula*!

Nossa oração diária devia ser: «Senhor, faze-me Teu discípulo, não apenas nas palavras, mas também nas acções».

QUINTA-FEIRA

O Privilégio da Oração

por. N. R. Dower

A um evangelista mundialmente conhecido foi recentemente pedido para fazer um comentário à teoria «Deus está morto». Ele prontamente observou: «Eu sei que Deus não está morto. Ainda esta manhã falei com Ele».

Quando foi a última vez que falastes com Deus? Quero dizer, a última vez que *realmente* falastes — quando Lhe abristes o vosso coração como a um amigo, e a vossa comunhão com Ele foi íntima e pessoal? Quando foi a última vez que o vosso companheirismo com Cristo era tão significativo que dificilmente podíeis esperar deixar qualquer outra actividade para passardes algum tempo a sós com Ele?

Se Deus está na realidade vivo, e se nós estamos verdadeiramente cónscios desse facto porque tantas vezes procedemos como se assim não fosse? Porque O não tratamos como uma pessoa viva? A atitude de-

simportada que tantas vezes manifestamos em nossas relações com o Senhor deve certamente entristecer o Seu sensitivo coração de infinito amor — coração que anseia por um lugar em vossas vidas.

Passamos a maior parte do nosso tempo a pensar em nós mesmos e nas nossas coisas, e pouco tempo pensamos n'Ele. Agimos como se fôssemos totalmente independentes d'Ele, planeamos como se tivéssemos uma opção sobre a eternidade, e estudamos como se a única coisa que importa neste altamente competitivo século científico fosse a educação da mente. Ora o facto é que ninguém realmente vive para si mesmo. Outras pessoas são afectadas quer o compreendamos quer não. As coisas que fazemos e dizemos irradiam de nós em círculos concêntricos até que a nossa influência atinja os confins da terra. Devemos, quer queiramos quer não, enfrentar o facto da eternidade e

o facto de que não temos uma opção acerca dela. Esta vida não é uma vida de isolamento. Somos parte de outros, parte da amorosa solicitude de Deus.

A oração é comunicação. E a comunicação implica diálogo — a troca de pensamentos e experiências, o intercâmbio de ideias e aspirações e outras informações, triviais ou vitais, que têm que ver com a associação e o companheirismo.

Há algumas lições valiosas a aprender da observação do programa espacial de algumas nações. Os astronautas em suas ousadas corridas através do espaço estão em quase constante contacto com observadores de várias partes do mundo. Raramente estão sem contacto. Alguém, algures, sabe exactamente onde eles se encontram, o que estão fazendo, qual a sua condição, como vai a sua respiração, o pulsar do seu coração, a temperatura do seu corpo, os seus períodos de repouso e sono, os seus hábitos de alimentação, e a quantidade que eles bebem. Tudo é meticulosamente registado pelos cientistas que se encontram em campo. Os astronautas nada fazem, mesmo de brincadeira, que seja considerado sem importância ou insignificante. Os cientistas em terra procuram captar todas as suas palavras; solicitam a expressão de todos os seus pensamentos. Desejam desesperadamente perfeita e continua comunicação. Porquê? Por causa do seu ilimitado interesse nos próprios astronautas, sem dúvida, e no êxito de todo o projecto.

Isto oferece-nos um pálido vislumbre do ilimitado interesse que Deus tem por vós. Sois a coisa mais importante em todo o Seu projecto — onde estais, que fazeis, aonde ides, que pensais, que dizeis, e os motivos que vos impelem. O nosso maravilhoso Salvador tem interesse em tudo isso. Os vossos hábitos, os vossos pensamentos, as vossas esperanças e planos, têm todo o interesse para Ele porque Ele vos ama com solicitude. «Eis que nas palmas das Minhas mãos te tenho gravado; os teus muros estão continuamente perante Mim». Isa. 49: 16. «Aquele que tocar em vós toca na menina do seu olho». Zac. 2:3. Ele vigia o fogo da fornalha que deve provar cada alma. Não permite que nenhuma prova nos sobrevenha acima do que podemos suportar.

Nenhuma alegria experimentada, nenhuma lágrima derramada, nenhuma decepção sofrida passa despercebida a Deus: «Se consagrarmos a vida a Seu serviço, nunca se-

remos colocados numa situação para a qual o Senhor não haja tomado providências. Ele não é surpreendido por nenhuma inesperada experiência. Seja qual for a nossa situação, temos um Guia para dirigir o caminho; sejam quais forem as perplexidades, temos um infalível Conselheiro; qualquer que seja a dor, a provação, ou a solidade, temos um Amigo que sente connosco. Se, em nossa ignorância, damos passos errados, Cristo não nos deixa. Sua voz, clara e distinta, faz-se ouvir, dizendo: 'Eu sou o caminho, e a verdade e a vida'». — *Obreiros Evangélicos*, pág. 263.

As preocupações da vossa vida, as coisas que aceleram as vossas pulsações, que afetam a vossa respiração, que fazem subir a vossa temperatura, que fazem bater com mais força o vosso coração, que interferem com a vossa digestão, que tornam tensos os vossos músculos e crispam os vossos nervos, as vossas alegrias e tristezas, os vossos entusiasmos e desânimos, as vossas vitórias e derrotas — tudo o que de alguma maneira vos diz respeito, diz também respeito a Ele.

Deus dirigiu uma linha até vós. Ele mede-vos a vós e às experiências que vos sobrevêm. Ele está na torre de control e transmite as mensagens. Ele ouve, vê, conhece e compreende tudo. Está em constante contacto. Os canais de comunicação nunca estão fechados. Ele está sempre acessível, «não está longe de cada um de nós». (Actos 17:27). Ele está sempre pronto para nos tirar das dificuldades. Mas, mais importante ainda, Ele é perfeitamente capaz e tem o máximo desejo de impedir que caiamos em dificuldade. Está sempre alerta para guiar e dirigir as nossas vidas. «N'Ele vivemos, e nos movemos e existimos». Actos 17: 28. «Ou vivamos ou morramos, somos do Senhor». Rom. 14:8.

O astronauta está dependente de si apenas sob um aspecto. Se deixar de ficar sob o controle da terra, se perder o poder de voltar à terra, não há nada que o homem em terra possa fazer a seu respeito. O receio que acompanha cada viagem no espaço é a possibilidade de que a órbita seja quebrada ou a nave se incendeie como um meteoro ao voltar para a atmosfera da terra.

Nenhum filho de Deus enfrenta este risco. O que se passa não é que Deus está «lá em cima» e nós «cá em baixo». «Se subir ao Céu, Tu aí estás. ... Se tomar as asas da alva, se habitar nas extremidades do mar,

até ali a Tua mão me guiará e a Tua dextra me susterá. Se disser: Decerto que as trevas me encobrirão; então a noite será luz à roda de mim, nem ainda as trevas me escondem de ti; ... as trevas e a luz são para ti a mesma coisa». Sal. 139:8-12. Ele não é surpreendido por nenhuma inesperada experiência. Ele tem sempre o controle de todas as situações.

«Acima das perturbações da terra, está Ele sentado em Seu trono; tudo está patente ao Seu exame; e de Sua grande e serena eternidade, ordena aquilo que melhor parece à Sua providência». — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 417.

Ele tem em Suas próprias mãos o cuidado da Sua igreja e do Seu povo. Este é um facto supremamente confortador e abençoado.

Devido ao insondável conhecimento de Deus, ao Seu ilimitado poder, ao Seu incomparável amor e constante solicitude, Ele procura manter contínua comunicação com os Seus filhos terrestres. Está interessado na pessoa — em cada pessoa — como se não houvesse outra sobre a face do globo. Este é o Seu primeiro cuidado. Depois, sem dúvida, tem também o cuidado de todos os outros pormenores do grande projecto geral. Procura operar transformações de carácter que dêem evidência a todo o universo de que Ele é capaz de restaurar a Sua imagem no homem neste mundo amaldiçoado pelo pecado que tantas vezes obedece à vontade de Satanás. O progresso desta experiência é vigiado com intenso interesse tanto pelo Senhor como por toda a hoste angélica.

«Vi o terno amor que Deus tem por Seu povo, e é muito grande. Vi anjos com as asas estendidas sobre os santos. Cada santo tinha um anjo de guarda. Se os santos choravam de desânimo, ou estavam em perigo, os anjos que sempre os assistiam, voavam rapidamente para cima a fim de levar as novas; e os anjos na cidade cessavam de cantar. Então Jesus comissionava outro anjo para descer a fim de animá-los, vigiar sobre eles e procurar impedi-los de abandonar o caminho estreito, mas se não davam atenção ao cuidado vigilante dos anjos e não queriam supor eles consolados, antes continuavam a se desgarrar, os anjos, pareciam ficar tristes e choravam. Levavam as notícias para cima, e todos os anjos na cidade choravam, e então com grande voz diziam: — 'Amen'. Se, porém, os santos fitavam os olhares no prémio que

diante deles estava e glorificavam a Deus, louvando-O, então os anjos levavam as alegres novas à cidade, e os outros que ali estavam tocavam suas harpas de ouro e cantavam em alta voz: 'Aleluia', e as abóbadas celestiais ressoavam com seus belos cânticos». — *Primeiros Escritos*, pág. 39.

Para aquele que crê, o sucesso é garantido, a vitória assegurada. Escolher a Cristo, é colocar-se sem erro possível do lado dos que ganham. Deus nos fará saber então a tarefa que nos destina, quer se trate de alguma grande obra a realizar quer de prosseguir com alegria em nossas humildes actividades quotidianas — o importante não sendo o trabalho em si, mas a influência que exercemos. No reino de Deus tudo se resume na fé e também na obediência. Se O servirmos fielmente, o Senhor nos abrirá as portas do reino. É esse, com efeito, o seu mais profundo desejo. «Não temas, ó pequeno rebanho, porque a vossa pai agradou dar-vos o reino», afirmava Jesus (Luc. 12:32). Por sua vez, o apóstolo Paulo declara: «O dom gratuito de Deus é a vida eterna, por Cristo Jesus nosso Senhor». (Rom. 6:23).

Esta relação entre o filho de Deus que se sente feliz por o ser e o seu Senhor é uma relação rica em resultados. Mas não produzirá plenamente os seus felizes efeitos sem que haja um contacto íntimo e quotidiano. É necessário aprender a viver a cada instante com Cristo. Contactos ocasionais não seriam satisfatórios nem para Ele nem para vós. Deveis-Lhe amor, lealdade, reverência. Por sua vez, Ele vos dará amor, alegria e protecção. Dai-Lhe o primeiro lugar na intimidade e o primeiro também no exterior. Ele será o melhor dos guias e vos livrará de muitos passos falsos. Ele vos dará um tal contentamento como antes jamais teríeis imaginado que seria possível.

Mas tantas vezes contristamos este Salvador! Em tantos lugares, distraídos pelo espectáculo do mundo que nos rodeia, deixamos de estar plenamente conscientes da sua presença. Ele, pacientemente, aguarda que o nosso coração queira voltar a abrir-se à Sua doce influência.

Significado da Oração

É apenas na oração que este contacto com Cristo encontra sua realização plena. A oração não consiste apenas em expôr a Deus os pedidos do nosso pequeno coração cen-

tralizado em seus desejos terrestres. É uma troca, um diálogo no qual convém também *ouvir a Deus*, uma verdadeira comunhão. É necessário dizer tudo a Deus, embora Ele conheça, antecipadamente, o mais fugaz dos nossos pensamentos. É falar com Ele a sós, lançando para longe tudo o que nos ligue ao mundo exterior. Falando de Enoc, de quem a Bíblia diz que «andou com Deus» tão fielmente que Deus o trasladou «para não ver a morte» (Heb. 11:51), um pastor deu a sua explicação do fenómeno: Um dia, talvez ao cair da tarde, o Senhor dirigindo-Se a Enoc, ter-lhe-á dito: «Estamos mais perto da Minha casa do que da tua tenda. Porque não hás-de vir habitar de hoje em diante comigo?» Aceitar o Senhor como Amigo é viver doravante *com* Ele e *para* Ele.

Mas atenção! Não ponhais as vossas relações com Cristo num plano exageradamente sentimental; corréis o risco de dar ao vosso amor o sentido de uma contemplação mística. O próprio Jesus, no decurso da sua existência terrestre, nunca foi um sonhador. Deus feito homem, conservava a autoridade e o poder de Deus. Simples e directo, embora cheio de compreensão, tocava profundamente aqueles a quem queria repreender.

Esforçai-vos por fazer de Jesus o companheiro íntimo de toda a vossa vida. Associai-O às vossas tristezas e alegrias, aos vos-

sos êxitos e fracassos. Dirigi-vos a Ele onde quer que vos encontréis. Não declarou Ele: «Eis que estou convosco todos os dias» — no estudo, no trabalho, nos campos de batalha, no hospital, até na prisão, quer estejais sobre o mar, no ar, ou em terra firme — e isto «até à consumação dos séculos»? Abri-Lhe o vosso coração em oração constante, oração que ultrapasse as palavras, que se torne mais do que um simples pedido. Ele e eu, sempre unidos sem que nada, jamais, se interponha como obstáculo.

Eis aqui a própria substância, a essência da oração. Quer ela seja silenciosa ou formulada em alta voz, feita na meditação ou surgida espontaneamente no momento de angústia, é acima de tudo comunhão ou intercâmbio: Jesus fala-me e eu, por minha vez, confio-Lhe as minhas esperanças, os meus projectos, o amor, a reverência que tenho por Ele. É este o verdadeiro e único significado da oração: O privilégio de nos entretermos com Deus sem barreiras. Que importam então as palavras empregadas? O amor de Cristo ditar-vos-á as que ache convenientes. Pois convém sempre lembrarmos-nos de que estamos na presença do Senhor, do Deus poderoso, do Salvador admirável. Mas este Salvador é *meu* Amigo. Conheço-O. Sei que Ele vive. Falei com Ele esta manhã.

SEXTA-FEIRA

O Plano de Deus para a Vossa Vida

por Helbert Stoeger

Máximo Gorki escreveu um livro intitulado *Minhas Universidades*, mas ele nunca em sua vida frequentou uma universidade. Suas universidades eram as ruas, os bairros de lata das grandes cidades onde ele estudou o povo. Ali aprendeu acerca da luta pelo pão de cada dia e acerca da luta com um mundo hostil.

Todos nós conhecemos semelhantes «universidades da vida», onde não há programas, nem assuntos especiais, nem certificados. Logo que entramos na vida, começa a nossa educação universitária; e quando nos tornamos suficientemente idosos para querer conscientemente controlar nossas pró-

prias vidas, compreendemos que o trabalho preliminar decisivo já está feito.

O carácter e os hábitos de vida de uma criança são bastante bem moldados durante os seus seis primeiros anos — em muitos aspectos até durante os seus primeiros seis meses. Uma falta de amor, uma falta de lar confortável, têm efeitos duradouros; e o mesmo sucede com um excesso de condescendência. Aquele que em bebé sempre foi deixado a fazer sua vontade, pode durante toda a vida ter que lutar contra a concentração própria e a ambição. Outro tem que lutar sempre contra um complexo de inferioridade por ter sido excessivamente criti-

cado durante a sua primeira infância. Investigações psiquiátricas de jovens criminosos revelam com frequência que em seus primeiros anos de vida tinham sido impedidos para uma direcção errada.

Podiam mencionar-se muitas coisas que assinalam nossas vidas: as atitudes do nosso professor, as advertências que nos subjagam, os quadros e sons que inconscientemente fazem uma impressão sobre nós, palavras com que nos chamam a atenção, preconceitos que influenciam o nosso comportamento.

Tudo isto aparentemente já decidiu os nossos destinos muito antes de resolvermos moldar nossas vidas e o mundo que nos cerca. Que nos resta então fazer quando tantas decisões já têm sido feitas? Que significa sob tais condições o domínio de nossa própria vida? Podemos sair do sulco para que fomos empurrados?

Estariamos quase tentados a deixar de pensar acerca disto. Mas, aguardai! As encruzilhadas do passado, que não pudemos nós próprios determinar e para as quais fomos impelidos, não são as únicas encruzilhadas de nossas vidas. Amanhã, depois de amanhã, e até ao fim de nossas vidas teremos sempre que nos encontrar em encruzilhadas. Não está ainda decidido que direcção final tomaremos.

Deus tem um plano para a minha vida. A minha vida pode tomar um rumo bastante regular, mas é imprevisível e o meu futuro é obscuro. Embora não sinta nenhum medo específico, experimento muitas vezes ansiedade devido ao próprio carácter indefinido do que jaz à frente. Mas é aqui que posso olhar para Aquele «que cobre o céu de nuvens». (Sal. 147:8).

O que está em acção não é um vago destino ou acaso. Uma mão está estendida sobre as nuvens para as guiar e controlar, e é só esse poder que lhes assinala o caminho e o rumo. A mão que está aqui em acção é a mesma mão que se deixou ser trespassada e cravada na cruz por nós; é a mão que repousou em bênção sobre as cabeças das criancinhas e que curou corpos torturados; é a mão que sempre se estende em magestade e pode ordenar aos ventos e às ondas, de maneira que o lago instantâneamente se converte em prateado espelho e a tempestade em refrigerante brisa.

Se alguém me dissesse: «Há uma inteligência mais alta que concebeu a criação do mundo, que inventou a magnificente lei da

casualidade, que põe em operação os diferentes planetas de maneira complicada», eu podia talvez ouvir por um momento com admiração. Depois tomaria de novo o meu jornal, pois isto por si não me traria uma mensagem pela qual eu pudesse viver.

Mas se alguém assegurasse: «Há um Ser que te conhece, que se não sente indiferente quanto ao teu destino, que pagou um preço para poder ser a Estrela em que fixes os olhos durante a tua vida» — se alguém me dissesse isto, então prestar-lhe-ia atenção, porque se assim é, isso significa uma resolução na minha vida. Tudo o que sucede na minha vida toma um novo sentido — minhas dificuldades, minha doença, as necessidades da minha consciência.

O Grande Deus desceu dos céus distantes, onde não tinha qualquer interesse para mim, e foi primeiro ao estábulo de Belém. Ele esteve junto da pobre mulher cuja filha estava mortalmente doente, junto de um jovem — o mancebo rico que Lhe perguntou acerca do significado da vida. E morreu numa cruz por mim.

Que significa isto realmente?

O grande filósofo francês Blaise Pascal declarou um dia que é maravilhoso estar num barco que é agitado pelas tempestades e altaneiras ondas, mas que se sabe definitivamente que chegará seguro ao porto. Deus não permite que nossas vidas estejam numa aventura tempestuosa com um desfecho incerto. Nas primeiro páginas da Bíblia Deus diz-nos como terminará. No horizonte da nossa curta viagem está Alguém que pode controlar o nosso destino.

Minha curta vida, que é vivida sob o signo da esperança do Advento, é uma aventura — uma aventura de primeira qualidade. Será que o meu barco chegará ao porto? Sei que cada acontecimento na minha vida me levará para mais perto desse objectivo.

Um homem que duvidara de que Deus verdadeiramente dirigisse a sua vida perguntou a Spurgeon como podia conhecer a vontade de Deus. Spurgeon ouviu a pergunta e chamou um jovem de cerca de três anos. Sem uma palavra levantou a criança até a um alto muro e ordenou-lhe que saltasse para seus braços estendidos. Com os olhos espantados o pequeno olhou primeiro para Spurgeon e depois para a altura que o separava do chão, hesitou, e deixou-se escorregar pelo muro abaixo. Preferiu ficar com as mãos feridas do que saltar para os braços do homem.

Então Spurgeon chamou outro rapaz que era um pouco mais pequeno e mais novo. Colocou-o no muro e deu-lhe a mesma ordem: «Salta». Sem um momento de reflexão o pequeno saltou sorridente para os braços de Spurgeon.

«Vê a diferença?» perguntou Spurgeon ao homem. «O primeiro rapaz não me conhece. Não confiou em mim, e é por isso que não se afoitou a saltar. O segundo rapaz é meu filho. Ele conhece o seu pai e sabe que pode confiar nele. É por isso que ele saltou. Assim é essencial que na minha vida eu ouça a voz de Deus e aprenda a confiar n'Ele completamente».

Como vos permite Deus conhecer a Sua vontade? Como podeis estar certos de que o caminho que seguís é o Seu caminho e não o vosso? «Se estais em dúvida quanto a qualquer ponto, consultai primeiro as Escrituras». — *Mensagens ao Jovens*, pág. 154. Voltai-vos para a Bíblia, procurai nela a resposta para o vosso problema específico, e o Espírito vos guiará.

«A Bíblia é um livro que revela os princípios do que é recto e verdadeiro. Contém tudo o que é necessário para a salvação da alma, e ao mesmo tempo é adaptada ao fortalecimento e disciplina da mente». — *Fundamentals of Christian Education*, pág. 131.

«Os que estudam a Bíblia, se aconselham com Deus e repousam em Cristo serão habilitados para agir sábiamente em todos os tempos e sob todas as circunstâncias. ... Tão somente deixai que a verdade para este tempo seja cordialmente recebida e se torne a base do carácter, e ela produzirá firmeza de propósito, que as seducções do prazer, a inconstância dos costumes, o desprezo dos mundanos, e os clamores do coração por condescendência própria jamais poderão influenciar». *Testimonies*, vol. 5, pág. 43.

A Visão Celestial

Com o dealbar da fé no coração, o cristão começa a ver as coisas a uma nova luz. A transformação pode ser lenta, enquanto a operação do Espírito Santo prossegue em sua vida, mas é real. Uma visão baça é por vezes sinal de imaturidade cristã, e muitos vão pela vida fora muito conscientes do presente, mas lamentavelmente alheios ao que é eterno.

O apóstolo Paulo experimentou uma deslumbrante revelação de Cristo ressurgido. Desde esse momento ficou um homem completamente transformado, e passados anos disse em sua defesa: «Pelo que, ó rei Agripa, não fui desobediente à visão celestial». Actos 26:19.

Devia chegar o tempo em que cada cristão tenha uma perspectiva inteiramente nova da vida e das coisas que o cercam. Até que haja uma genuína mudança de orientação, a vida permanece um enigma, e tacteamos o nosso caminho com uma visão miope, despercebidos aos valores imediatos e incapazes de penetrar os corredores do tempo. «Quem sou eu? Porque estou aqui? Qual é o meu destino?» Ficam confusos porque não procuram as suas respostas n'Aquele que veio para responder e introduzir o homem na visão celestial. As grandes perguntas da vida não podem ser adequadamente respondidas pelo homem irremediavelmente respondido pelo homem irremediavelmente respondido. Só quando permanece aos pés da cruz pode captar uma visão deste mundo e do além. À luz da revelação divina na pessoa e obra do Filho de Deus, o homem consegue conhecer quem é, porque está aqui e qual é o seu destino eterno.

Desde o princípio, a visão celestial tem sido a estrela que guia aqueles que conhecem e amam a Deus. Abraão deixou o seu lar às ordens de Deus, sem saber o seu destino, mas profundamente confiante em Deus e na Sua fidelidade.

Abraão é citado como o pai dos crentes, e foi-o na realidade. Mas Abraão demonstrou com a sua fé uma completa obediência. Recebendo a ordem de deixar a sua terra e a sua parentela, Abraão exerceu uma obediência que hoje nos inspira e humilha. Com demasiada frequência queremos que Deus nos mostre o fim antes de nos dispormos a obedecer. Mas o autor da Epístola aos Hebreus diz-nos que quando Abraão recebeu a ordem de deixar o seu lar em Harã, «Saiu, sem saber para onde ia». Heb. 11:8.

Era isto uma fé cega? Talvez possa ser assim interpretada; mas, o que é mais importante, era uma fé obediente. Confiou n'Aquele que lhe deu o chamamento, certo de que o não deixaria seguir por um caminho errado.

Pela sua fé, os patriarcas desfrutavam de uma perspectiva muito mais vasta que a dos seus contemporâneos. O Seu pensamento, evadindo-se dos locais habituais das

suas peregrinações, representava-lhes a Pátria Celeste pela qual suspiravam. Como salienta o autor da epístola aos Hebreus, eles tinham toda a oportunidade de regressar ao seu país de origem, mas aquela pátria no sentido terrestre não contava muito aos seus olhos. «Agora desejam uma melhor, isto é, a celestial. Pelo que também Deus se não envergonha deles, de se chamar seu Deus, porque já lhes preparou uma cidade». Heb. 11:16.

Moisés desfrutava de todos os direitos e privilégios conferidos aos príncipes de sangue da casa real do Egito. Mas tal era a sua impaciência em libertar o povo de que tinha saído, que não soube refrear o seu entusiasmo. Banido, expulso para o deserto para que ali morresse, ali encontrou Deus. A partir daquele momento, a vida presente e futura apareceu-lhe numa perspectiva muito diferente da que tinha sido a sua até ali. Depois veio o tempo em que, com a categoria de escravo, voltou ao Egito para subtrair outros escravos ao jugo de Faraó. Mas, por nada do mundo, teria trocado a sua glória passada pela sua humildade presente. Sua óptica tinha mudado. De futuro, nada tinha mais importância para si do que cumprir a vontade de Deus. «Pela fé deixou o Egito, não temendo a ira do rei; porque ficou firme, como vendo o invisível». Hebreus 11:27.

Por sua vez, Estêvão vivia na contemplação das coisas invisíveis. Homem cheio de fé e do Espírito Santo, versado no estudo das Escrituras, ousou dar o seu testemunho em presença dos seus perseguidores. Indiferente à própria vida, clamou-lhes a sua fé no Filho de Deus: «Eis que vejo os Céus abertos, e o Filho do Homem que está em pé à direita de Deus». Actos 7:56. Eles gritaram então com grande voz, e arrastando-o para fora da cidade, o apedrejaram.

Esta visão das coisas celestes não foi reservada apenas aos homens de fé dos tempos passados. Desde aquelas recuadas épocas, homens, em número cada vez maior, têm vivido mantendo presente em seu espírito a esperança de entrar um dia na Cidade de Deus. Esses homens não eram místicos, pessoas que vivem com os olhos perdidos no Céu e de quem comumente se diz que não têm os pés na terra, mas homens sábios, realistas, bastante inteligentes para colocar todas as coisas em sua exacta perspectiva.

Já o Apóstolo Paulo dizia aos cristãos de

Colossos: «Se ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas que são de cima... não as que são da terra; Porque já estais mortos, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus». Col. 3:1-3.

Ouve-se dizer com razão que Cristo não veio a este mundo para pregar o Evangelho, mas para incarnar o Evangelho destinado a ser pregado. Veio não tanto para fazer do mundo um lugar em que a vida fôsse melhor como para salvar o homem do pecado e das suas consequências. Veio para nos dar uma perspectiva diferente, para nos permitir ver com os olhos do Espírito, ensinar-nos a fazer a distinção entre o que é perecível e o que o não é, o que é destinado a desaparecer e o que deve durar para toda a eternidade.

Porque estamos tantas vezes fechados à visão das coisas celestes? Não há senão uma resposta possível: nossas emoções, nossos desejos, nossas perspectivas, permanecendo estritamente horizontais, não podem elevar-se até a Cristo ressuscitado. Cometermos igualmente o erro de querer sempre conhecer o fim desde o começo, de não nos comprometermos senão com garantias. Cremos em Deus e em Sua Palavra mas manifestamos reticências quando se trata de obedecer e aguardamos até que possamos ver mais claro o caminho da vida. Depois disso, teremos de nos admirar se perdermos a bênção espiritual e as realizações que ela implica?

Aquele que, estudando as Escrituras, obtém uma visão clara das coisas do alto, está em condições de fazer uma ideia quanto ao futuro do nosso mundo e de penetrar, em fraca medida, o que se convencionou chamar os mistérios do além. «Agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face». (1 Cor. 13:12). Embora vivamos num mundo atormentado, envolto em rivalidades e em lutas, podemos manter intacta a nossa alegria pois aguardamos um novo Céu e uma Nova Terra em que Deus nos reservou um lugar. Existe no mundo uma esperança — ou antes, uma certeza — que possa comparar-se a esta?

Somos um povo com um futuro, porque pertencemos Àquele que se levantará e virá no tempo por Ele próprio determinado. Para além das sombras do vale em que eramos, misturados com o mundo, mantemos os olhos fixos nas montanhas donde nos virá o socorro, montanhas cujos cimos se douram já com a glória do futuro. O relâm-

pago pode iluminar as nuvens, o trovão ribombar por cima das nossas cabeças, sem que a nossa paz seja alterada: o raio não nos atingirá. Os caminhos foram aplanados para facilitar a nossa ascensão. Foram preparados por Aquele que designa aos ventos o seu curso e que controla a tempestade. Felizes aqueles que têm olhos capazes de discernir, para além do imediato, as coisas que nos foram prometidas.

A real e confortadora visão do vidente de Patmos não é outra coisa senão uma recompensa da fé. A apóstolo João viu as pesadas nuvens do último dia amontoar-se por cima da história. Nuvens aterradoras, anunciadoras do fim de todas as coisas mas também da vitória decisiva do Todo Poderoso. Estas nuvens, porém, não servem de fundo para o carro fulgurante do anjo da vingança. Sobre elas desce o Rei da paz, nosso

glorioso Senhor Jesus Cristo. Levanta-se sobre o mundo a aurora de um novo dia.

Tudo o que nos sucede, tanto bem como mal, tudo o que o nosso futuro tem ainda em reserva, serve para nos levar a crer, para nos preparar para aquele acontecimento triunfal. É nesse momento que toda a História encontrará a sua explicação e a sua conclusão, e que compreenderemos enfim o sentido escondido da existência. Se tivermos isto em mente, podemos avançar confiadamente no meio das tempestades com passos firmes, pois sabemos que todo o estrondo e rugido ao nosso redor são apenas os sinais precursores da tormenta decisiva em que se verá Satanás precipitado no abismo. Nesse dia glorioso, celebraremos com Cristo a prodigiosa vitória obtida sobre as forças do mal que tentaram arrebatá-los à mão de Deus e privar-nos da paz prometida aos filhos da luz.

SÁBADO

Alegria no Senhor

por Theodore Lucas

Aquilo de que os homens hoje mais necessitam é de uma mensagem de esperança. Mas parecem não saber onde encontrá-la. Procuram motivos de regozijo, mas têm dificuldade em os descobrir. Procuram tudo excepto o Deus de amor, de esperança, de fé e de confiança.

O «Buda adormecido» é um dos grandes espectáculos do Extremo Oriente. É um grande ídolo repousando de lado com rosto calmo, olhos fechados e a cabeça apoiada numa das mãos. Diante dele estão doze imagens coroadas, mas Buda está a dormir. Ali não se encontra auxílio em tempo de dificuldade, olhos amorosos para nos verem na hora da fraqueza ou do temor, nem ouvidos abertos ao clamor do necessitado. Buda está a dormir. Contrastai este deus com Aquele que nunca tosqueneja nem dorme, cujos ouvidos estão sempre abertos para o nosso

clamor, que nos fala como falou a Moisés: «Minha presença irá contigo». Êxodo 33:14.

O autor da epístola aos Hebreus escreve: «Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho». Heb. 1:1. Isto é algo que realmente nos deve fazer regozijar. O Filho que andou ensinando, realizando milagres, curando os doentes, e ressuscitando os mortos, convida-nos hoje a regozijar-nos n'Ele. Podemos nós fechar os ouvidos a este Filho que nos remiu, que foi tentado como nós somos, que sofreu agonia, que foi até condenado à morte, mas que tudo suportou porque sabia que essa era a vontade de Seu Pai? Este Filho está hoje à porta dos nossos corações, batendo e pedindo-nos que o deixemos entrar.

Alegria para os jovens

Os jovens cristãos de hoje têm toda a razão para se alegrarem. Podemos alegrar-nos porque o Espírito Santo nos fala diariamente. É o mesmo Espírito que instruiu os profetas e pregadores nos tempos do Antigo Testamento, e cujo poder foi derramado sobre os apóstolos no dia de Pentecostes. Ele entra hoje em nossos corações, convida-nos a crer em Cristo, ensina-nos a ver n'Ele o nosso único Salvador, e torna-nos claras as palavras de Cristo. É o Espírito Santo que se nos dirige através da Palavra, escrita ou falada, que nos inspira a tornar-nos cristãos, a tornar-nos discípulos, a tornar-nos testemunhas de Cristo.

Os jovens cristãos devem alegrar-se na Palavra de Deus, a Bíblia. Ela amplia a nossa fé. Por meio dela Deus requer a nossa obediência, por meio dela vem a Sua mensagem à Igreja. A Bíblia é um livro sem par — nenhum outro livro contém a Sua mensagem viva para o homem. Ela é o Guia que nos leva à alegria.

Através da Bíblia e do Espírito Santo o nosso Salvador está pedindo que nos decidamos. Vivemos num século que oferece à juventude muitas escolhas embaraçosas. Abundam oportunidades para aceitar escolhas más. São oferecidos muitos substitutos para o Evangelho como fundamento para as nossas vidas. Nosso Senhor diz-nos que devemos manter-nos corajosamente ao Seu lado ao fazermos as nossas decisões na vida. Devemos pôr n'Ele a nossa confiança, como num Companheiro e Amigo que nunca falha. Sua vida redentora deve ser o centro dos nossos esforços. Cristo deve tornar-Se parte vital em tudo quanto somos.

Os jovens de hoje devem buscar continuamente a verdade. É-nos ensinado como multiplicar e dividir, como usar a Enciclopédia e o Dicionário, quais são as datas mais importantes da história, o que sucede quando misturamos ácido clorídrico e sulfato de ferro. Treinamos as nossas mentes para buscarem e encontrarem as respostas correctas a muitas espécies de perguntas, todas elas úteis e importantes se desejamos ganhar a vida para nós mesmos e para as nossas famílias.

Mas, se prestarmos atenção, Jesus nos dirá: «Não ponhais de parte nem menosprezeis esse conhecimento, mas não façais dele o fim ou o objectivo de todos os vossos la-

bores». Não devemos estar satisfeitos até que as nossas vidas se façam algo de mais profundo, algo de mais vital, do que factos históricos e fórmulas matemáticas. Deve haver uma constante demanda em busca d'Ele. Ele é a verdade.

Toda a vida em demanda da verdade

Nesta hora atômica, com seus vastos campos de conhecimentos técnicos e de mistérios ainda inexplorados, somos muitas vezes tentados a depositar a nossa confiança nos empreendimentos da mente humana. Confiamos em nossa própria habilidade para pensar nas coisas, e até para operar a nossa própria salvação. Devemos depositar n'Ele a nossa fé, se queremos ser salvos. Devemos ver para além das semi-verdades da ciência e da filosofia e buscar a Verdade que está em Cristo Nosso Senhor. Então «conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará». (João 8:32). Nisto há perfeita alegria. Cristo fala-nos hoje como falou aos discípulos de outrora: «Eu sou o caminho, a verdade e a vida: ninguém vem ao Pai, senão por Mim». João 14:6. Alegrai-vos neste facto. Ousai fazer de vossa vida uma vida de aventura e de serviço. Aventurai-vos na fé com a verdade como vosso alvo, Cristo como vosso Companheiro; e alegrai-vos na jornada que vos conduzirá salvos até ao glorioso fim, quando Jesus Cristo aparecer e a vida começar de novo.

Alegrai-vos no Seu convite: «Segui-Me». Devereis ter coragem para enfrentar sem receio a vida. Se quereis manter-vos firmes em vossa decisão de ser soldados da cruz, se quereis falar em favor da causa do amor cristão, então Jesus diz: «Segui-Me». Se quereis fazer da verdade o vosso objectivo na vida, se quereis pôr o direito acima da força, se quereis encontrar o dom da vossa própria salvação, então Ele dirige-vos o repto: «Segui-me».

Podemos alegrar-nos porque Cristo é a fonte da nossa coragem. N'Ele podemos encontrar a nossa força, a nossa segurança, a nossa paz, a nossa sabedoria. N'Aquele que disse: «Eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância» (João 10:10), encontramos o nosso Guia ao esforçar-nos por viver uma vida de serviço para Deus e para o nosso próximo. Naquele que disse: «Eu sou a ressurreição e a vida: quem crê em Mim, ainda que esteja morto, viverá» (João 11:25), encontramos a nossa promes-

sa de salvação, a nossa única esperança de vida futura.

Quando o eu se intromete no caminho

É um dia maravilhoso na vida de um jovem quando ele declara a sua liberdade pela abdicação do próprio eu, quando permite que Cristo ocupe o trono do seu ser. Isto é alegria no Senhor.

«Jesus esvaziou-Se a Si mesmo, e o próprio eu não se revelou em nada quanto Ele fez. À vontade do Pai, subordinava tudo. Quando estava prestes a concluir Sua missão na terra, foi-Lhe possível dizer: 'Eu glorifiquei-Te na terra, tendo consumado a obra que Me deste a fazer'. Pede-nos: 'Aprendei de Mim, que sou manso e humilde de coração'. 'Se alguém quiser vir após Mim, negue-se a si mesmo'; seja destronado o eu, não mais tendo a supremacia da alma». — *Mensagens aos Jovens*, pág. 160.

Muitas pessoas hoje pensam que podem passar sem Deus. Não gostam do plano de Deus; não gostam dos Seus prazeres; não gostam da Sua moral; não gostam dos Seus actos. O eu ocupa o trono de suas vidas, ditando os pensamentos, as decisões e acções. Mas os que se regozijam no Senhor estão satisfeitos com Deus e com o plano que Ele tem para as suas vidas.

Pensai em Job. Ele perdeu a sua saúde, a sua riqueza, os seus filhos. Job perdeu tudo. Até sua própria esposa sugeriu que ele amaldiçoasse a Deus e morresse. Talvez Job o tivesse feito se tivesse o pensamento em si mesmo, mas a sua resposta foi: «Ainda que Ele me mate, n'Ele confiarei». Job 13:15. Job regozijou-se no Senhor e no Seu plano para a sua vida.

Por vezes podemos ser tentados a duvidar se o plano de Deus para nós é aquele que desejamos seguir. Mas Deus ensina-nos que fazer com a dúvida, e como estar satisfeitos com Deus como esteve Job. Devemos dizer com ele: «Não importa o que me suceda; ainda que me mate, n'Ele confiarei. Regozijo-me no Senhor».

Pensando em Paulo, vemo-lo primeiro como Saulo. Ele testemunhou o apedrejamento de Estêvão. Vêmo-lo procurar os sacerdotes para que lhe dessem autorização para ir a Damasco e perseguir os que se chamavam cristãos. Depois de ter reunido o seu pequeno grupo, viaja no áspero e pedregoso caminho que leva a Damasco. Após alguns dias de jornada, chega a uma cidade

regada pelas frescas correntes que desciam das montanhas próximas. É bela a verdura; o cenário é refrescante. E então algo sucede — um deslumbrante clarão desce do Céu que Paulo mais tarde descreve como tendo o brilho do Sol ao meio dia. Cai por terra e ouve uma voz que lhe diz: «Saulo, Saulo, porque Me persegues?» E Saulo, pondo de lado o próprio eu, responde: «Quem és, Senhor?» A resposta vem clara e distinta: «Eu sou Jesus a quem tu persegues». Saulo recebe as Suas ordens. Entra na cidade como lhe foi mandado. O seu nome é mudado de Saulo para Paulo, e o seu coração é transformado. Então, e só então, começa a alegrar-se no Senhor.

Finalmente, vemos Paulo num país estrangeiro enfrentando uma morte cruel. Em Colossenses 4:18 encontramos uma parte dos escritos de Paulo que figura entre as mais belas: «Lembraí-vos das minhas cadeias. Que a graça seja convosco». Ele podia ter dito: «Lembraí-vos de que estou na prisão e necessito de auxílio, mas em vez disso ele escreveu: «Lembraí-vos das minhas cadeias. Que a graça seja convosco».

Pela vida fora Paulo podia dizer: «Estou crucificado com Cristo: e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim: e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou, e Se entregou a Si mesmo por mim». Gál. 2:20.

Cristo ocupava realmente o trono na vida de Paulo. Não admira que ele pudesse dizer: «Eu já estou sendo oferecido por aspersão de sacrifício, e o tempo da minha partida está próximo. Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo Juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a Sua vinda». II Timóteo 4:6-8.

Recentemente o Tabernáculo Adventista em Battle Creek, Michigan, abriu uma nova capela para os jovens. Ali se encontra uma impressionante ampliação do quadro de Hofmann representando o mancebo rico. Ninguém pode contemplar aquela obra prima sem ficar profundamente impressionado. Certamente o artista foi bem sucedido em retratar a mensagem de Cristo. O mancebo rico em sua ansiedade de jovem tinha acabado de perguntar ao seu Mestre qual o caminho da vida eterna. Jesus dirige a sua atenção para um cansado velho de fato remendado e para uma triste senhora vesti-

da de luto. Ledes nos lábios do Salvador as Suas palavras: «Foste abençoado com muitos bens; partilha-os com outros, e encontrarás o maior tesouro na terra».

O jovem sabe que Jesus tem razão, mas devido ao amor que dedica a si próprio, volta as costas à sua mais rica oportunidade e retira-se triste. O mancebo rico fracassou em apreender o divino ponto de vista. Nunca mais ouvimos falar dele.

A mãe de Tiago e João também falhou em ver o divino ponto de vista quando pediu a Jesus: «Dize que estes meus dois filhos se assentem, um à Tua direita e outro à Tua esquerda, no Teu reino». Mat. 20:21. A sua oração era egoísta. Ela não pensava no reino de Deus nem no trabalho futuro dos discípulos; pensava em si mesma. Não compreendia a responsabilidade que tal pedido envolvia, o sacrifício próprio, o sofrimento, a cruz que estava à frente. Considerava apenas a glória e honra pessoal que lhe seria concedida a ela, a seus filhos e à sua família. O seu pedido não podia ser atendido. Ela desejava a coroa, não a cruz.

O sinal máximo de regozijo

Regozizar-vos no Senhor é tomardes a vossa cruz, mas isto é mais profundo do que soa. Tem que ver não só com a vossa própria cruz, mas com as cruzes de outros que deveis ajudar a levar. É serviço, é dádiva, é sacrifício, mas é mais do que isso. «Dá ao carácter profundidade e estabilidade. Algo da esquisita doçura de Jesus comunicará à alma a paz e a felicidade». — *Degraus da Vida Cristã*, pág. 72. Embora o bem que

resulta de partilhar ajude a outros, o maior dividendo cabe ao próprio que partilha, pois que a prática da abnegação produz paz e felicidade.

Após a execução da rainha Maria Antônia e do rei Luís XVI por altura da revolução francesa, o seu filho foi confiado ao cuidado de um cruel sapateiro, que repetidamente procurava abater o moral do rapaz. O rapaz respondia sempre: «Não posso fazer isso, porque sou filho de um rei». Ele estava decidido a viver de acordo com a sua alta vocação.

Um rapaz estava visitando com o seu pai os monumentos de Nova Iorque. Entraram numa das grandes igrejas e viram uma cruz sobre o altar. O jovem, que havia pouco tinha começado a aprender a aritmética, perguntou a seu pai: «O que é aquele grande sinal de mais?»

A cruz é um grande sinal de mais para aqueles que nela se regozijam. Adiciona à vida e nunca subtrai. São acrescentados ao carácter belos e novos atributos: bondade, simpatia, abnegação, coragem e alegria.

«O Senhor deseja ver felizes, em paz e obediência, todos os Seus filhos. Diz Jesus: 'Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou: não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração nem se atemorize'. 'Tenho-vos dito estas coisas para que o Meu gozo permaneça em vós, e o vosso gozo seja cumprido'». — *Degraus da Vida Cristã*, pág. 112.

Decidi sinceramente viver de acordo com a vossa alta vocação e alegrai-vos nela, nada desejando saber a não ser Jesus Cristo e Cristo crucificado.

Passo a Passo

Hino para a Semana de Oração dos M. V.

B. Metzger

M. Anderson

Passo a passo sigo a Cristo, Junto a mim El' sempre está;
Día a día n'El' confio, Seja aonde quer que eu vá.
Ele acalma a tempestade, E sobre as ondas do mar,
Eu não temerei, Não me afundarei, Enquanto Jesus comigo andar.

